

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



NATUS EST JESUS

(AGUA-FORTE DE MARTIN SCHOENGAUER — 1445-1488)

Aos seus milhares de leitoras e assinantes Voga apresenta os seus
cumprimentos de Boas Festas e votos de Feliz Ano Novo.
BOAS FESTAS!

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO
ESTE NÚMERO TEM 24 PÁGINAS

Ayuntamiento de Madrid

VIDA ELEGANTE

REVEILLON. — Na noite de Natal realiza-se no Grande Hotel de Itália, do Monte Estoril, um esplêndido «réveillon», no qual haverá além da tradicional «árvore» com belos brinquedos,

dos noivos. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa da aristocrática residência da quinta

das Sete Fontes, um finíssimo lunche da «Garretta», seguindo os noivos depois para o Solar de Fijó, em Vila da Feira, onde foram passar a lua de mel.



A sr.^a D. Sofia Bleck de Lancastre (Louzã), gentil filha do sr. Conde da Louzã, e o sr. Marquês de Coquilla, filho da sr.^a Marquesa de Viana, cujo casamento se realizou, como noticiámos no nosso último número, na capela do Palácio Maratalla, em Córdova, residência da mãe do noivo, no dia 12 do corrente, vendo-se à direita e esquerda o pai da noiva, a mãe do noivo, os representantes dos padrinhos da noiva, Senhor Dom Manuel de Bragança e sua augusta esposa a senhora Dona Augusta Vilória, e do noivo, Sua Magestade o Rei de Espanha Afonso XIII, e os parentes mais próximos das famílias dos noivos

prémios para as senhoras e várias surpresas, que decerto despertarão na selecta assistência grande interesse.

Durante a ceia far-se há ouvir uma magnífica orquestra «jazz-band», composta dos nossos melhores artistas no género, que executará um escolhido repertório de danças modernas.

Na última noite do ano haverá novamente outro «réveillon».

— Na noite de 31, fim do ano, realizam-se no Club do Porto e Grande Hotel do Porto, interessantes «réveillons» que prometem ser elegantemente concorridos.

NO PORTO. — Decorreu muito animada a encantadora «soirée» que na Assembleia da Foz do Douro se realizou no domingo passado, à qual concorreu tudo que de melhor conta a primeira sociedade da Foz do Douro e do Porto, dançando-se quasi sem interrupção até de madrugada.

As vastas salas da Assembleia ofereciam nessa noite um aspecto verdadeiramente encantador, para o que muito concorreram as vistosas «toilettes» de tons claros das senhoras, que punham um contraste flagrante no tom negro das casacas.

Festas como a de domingo passado ficam para sempre gravadas a letras de ouro nos anais mundanos.

— No domingo passado realizou-se no Club do Porto um *Chá dançante* que decorreu muito animado e foi elegantemente concorrido, tendo o brilhante tenor sr. dr. Antonio Menano deliciado a selecta assistência com a sua magestosa voz, em vários fados, recebendo ao terminar fêneticos aplausos.

CONFERÊNCIAS LITERÁRIAS. — Excedeu toda a nossa expectativa a tarde de ontem, em que foram iniciadas, no teatro São Luiz, as conferências literárias, tendo sido escolhido para a primeira o brilhante poeta sr. dr. Eugénio de Castro, que versou sobre o imortal poeta lírico João de Deus.

O ilustre conferente teve mais uma vez ocasião de evidenciar os seus vastos conhecimentos, tendo a selecta assistência premiado o seu trabalho com fartos aplausos.

CASAMENTOS. — Na capela das Sete Fontes, perto de Coimbra, realizou-se, sendo celebrante o prior da freguezia, reverendo Manuel Estrêla Ferraz, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Leopoldina de Lemós Teixeira de Lima, gentil filha da sr.^a D. Leopoldina Augusta Teixeira da Silva Lima e do sr. Delmiro Aníbal de Lima, com o sr. Visconde de Fijó, filho dos srs. Condes de Fijó, tendo servido de padrinhos os pais



A sr.^a D. Olga Rosa Gadanho Torres e o distinto engenheiro-agrônomo sr. Raúl José de Sá Dantas, à saída da Igreja da Graça, por ocasião do seu casamento, que aí se realizou no dia de Nossa Senhora da Conceição



Os noivos: sr.^a D. Sofia Bleck de Lancastre (Louzã) e Marquês de Coquilla

ECOS

OS PERÚS E O NATAL

A nossa gravura provoca, decerto, nas leitoras, este malicioso pensamento: «ali está uma amizade que não passa do Natal».

Dir-se-ia que esse pensamento penetra o próprio Perú, de tal modo os seus olhos exprimem uma resignação maguada, a resignação de quem sente suspensa, sobre o seu destino, a espada de Damocles da morte — da morte, em data determinada.

Integremo-nos, um pouco, no Perú — filosoficamente, é claro — e traduzamos em palavras os seus prováveis pensamentos, as suas possíveis meditações. Façamos, em tom ligeiro, filosofia de Perú — pelo menos do Perú da gravura:

«Tu — reflectirá o bicho, com tristeza de alma penada e penugenta — estimas-me, tu acarinhas-me, tanto quanto uma rapariga pode estimar, pode acarinhar, um miserio, um fatal Perú. Passas comigo horas tão agradáveis, horas tão impregnadas de alegria que não dás pela diferença que separa o teu *boudoir* da minha capoeira. Envaideces-me, encantas-me, forçando-me a comer da tua mão. Essa rara distinção, tão rara que nunca foi entrevista, sequer em sonhos, por um animal da minha espécie, se me enche de orgulho, aumenta-me o apetite. Para engordar bastava-me o milho. Com o prazer que me dá segundo alimento, quasi tão nutritivo como o outro, ficarei, além dum Perú gordo, um Perú resplandescente, humilhante para os meus pobres irmãos que percorrem o asfalto das cidades, comandados por um homem que tem uma cana e uma vontade, secreta e furiosa, de se ver livre deles.

Mas, aí de mim, quanto melhor me tratas maior certeza ganho sobre meu trágico fim. Quem nasceu para Perú tem a vida curta e os dias contados — quando do calendario cair o dia vinte e cinco, terei deixado de existir. Mas, Perú que não morre no Natal, não é Perú que mereça considerações, afagos e milho. É indigno de ser Perú — tão indigno que fica vivo! De modo que a certeza da minha morte se me enche de tristeza enche-me de alegria, minha



superior e adorável amiguinha, que me estimas e me alimentas — e me devoras».

E ponto na ladainha. Se fizéssemos falar mais a ave, arriscávamo-nos a comprometer-lá. Um Perú retórico, um Perú-deputado resultaria inferior, deixaria de ser um Perú prosaico, um Perú estirado em «linguados».

O «JAZZ-BAND» EM 1840

SUPÔS-SE, durante muito, que o *jazz-band*, como a máquina de barba, nascera na América.

A França, pela pena de Gaston Derys, reivindicava-o, alegando que ele tinha surgido em plena Ópera, no ano distanciado de 1840, quando a orquestra do teatro lírico do Estado francês, composta de 120 executantes, era dirigida por Musard — o infernal Musard.

Durante o Carnaval, Musard, disparava tiros de pistola nos momentos mais loucos das quadrilhas, quebrava cadeiras, em movimentos cadenciados, e introduzia, na sua orquestra, os guizos e os apitos.

Há, porém, uma diferença que atenua singularmente a reivindicação de Gaston Derys. É que o *jazz-band*, em França, durava apenas os três dias do Entrudo, ao passo que, na América, perdura nas quatro estações, — tornado *jazz-band* de todo o ano.

A América toma a sério o que a França encarava a rir. Enquanto para a primeira o *jazz-band* é uma coisa séria e natural, para a última, não passava de gracejo — dum gracejo exibido na quadra mais truanesca do ano.

Leiam todos também os magníficos números de Natal

da ILUSTRAÇÃO
e MAGAZINE BERTRAND

PALAVRAS
SINGE-
LASMAGNIFICAT
ANIMA MEA
DOMINO

NOITE de Natal, quem te não ama!...
Noite em que todos sentem alegria,
pobres e ricos, soberanos e vassallos,
mães e virgens, grandes e pequenos.
Todos são tocados pelo seu encanto, pela sua
graça que vem de Deus.

Todos, — poderosos ou miseráveis, milionários
ou humildes, — têm o seu Natal...

Até o incrédulo se alegra vendo refulgir no
meio das trevas o templo iluminado, escutando
os cânticos triunfais. E o inverno da vida é
menos agreste. Do alto do campanário, os sín-
nos fazem ouvir em luta porfiada com o ven-
daval que levam de vencida, o seu repicar fes-
tivo e acalentador como uma prece.

É noite de Natal.

Em todos os lares, nos palácios magnifi-
cantes e nos tugúrios desconfortáveis dos ope-
rários, festeja-se o nascimento do Senhor.

Todo o mundo, a uma voz, vibra no mesmo
sentimento de amor. Há mais luz, há mais
alegria...

Todos esses hinos, essa alegria, toda essa
luz no coração do inverno enquanto o tempo-
ral, por vezes, ruge desapiedadamente, no mo-
mento em que a noite vai alta e o dia começa,
condizem com uma Religião que venceu o In-
ferno, os Cezares, os Deuses — o mundo.

Que triunfou e triunfa dos temporais da per-
seguição, das trevas da ignorância e das tre-
vas dos povos — que em todos eles o Natal é
festejado.

Sim, sim; o Presépio como ainda o vimos
reluzir, desafiando a imensidade dos tempos,
cheio duma luz exterior que dulcifica as almas,
venerado em toda a parte, em palácios e ca-
banas, o Presépio é o resurgir sempre vivo
duma Fé que não morre — que não morrerá
jâmais.

Noite de Natal, em que se festeja o facto
mais importante do mundo; noite bendita em
que todos têm as suas boas-festas, pequenos
e grandes.

Os primeiros com a alegria e factos natural
da sua idade; os segundos com a alegria enor-
me de os verem contentes, que, já diz o
poeta, não há maior que a alegria inocente
das crianças.

O Presépio, com todos os seus anacronismos,
os seus castelos amealhados, os seus retábulos,
os seus romanos antigos, os seus pastores, os
camelos carregados de ouro, as suas gentis
damas e os seus pavilhões campestres, cheios
dum bucolismo tão natural, é a mais verda-
deira de todas as histórias e, de todas as pro-
fecias a mais infalível.

É um grande espelho, um enorme espelho
longínquo, no qual todos os povos e
raças da terra se encontram convergindo para
a adoração do Criador.

MARIA VICTORIA.

OS MANDAMENTOS DA
HIGIENE DOS PIANOS

A MELHOR maneira de conservar um piano
em bom estado é fazer com que ele seja
tocado, pelo menos, durante cinco minu-
tos todos os dias.

Um piano que só se faz ouvir raras vezes, em
breve perde o seu timbre; a sua sonoridade al-
tera-se e em pouco tempo fiará tão desafinado
como... um jazz-band em Ohio.

Tomem, pois, sempre, o maior cuidado na se-
lecção dos afinadores.

Nunca coloquem um piano junto do fogão ou
a brazeira junto do piano.

Igualmente evitem-lhe sempre tódas as mu-
danças bruscas de temperatura, não permitindo
que o sol jâmais brilhe sobre ele ou que alguma
corrente de ar frio repentinamente o arrefeça.

Por esse motivo tomem sempre cuidado não
esteja ele demasiadamente encostado à parede,
geralmente fria.

O seu melhor lugar é a um dos cantos da
sala, seca e suficientemente arejada, onde não
haja humidade e ele possa ser colocado afas-
tado da parede.

Se as teclas se apresentam descordadas, po-
derão facilmente retomar a sua cor primitiva
com o auxílio de uma flanela embebida numa
mistura de cré com álcool puro ou desnaturado.

Uma pasta previamente preparada com sumo
de limão e cré, pode devidamente ser guardada
para quando essa limpeza fôr necessária.

Limpem uma tecla por cada vez, tendo sem-
pre o maior cuidado em evitar que qualquer
porção de cré cáia entre elas.

Nunca utilizem o sabão e água para limpar
as teclas, porque esta mistura poderá tornar o
marfim amarelo.

Não deixem o piano sempre fechado, basta
que o cerrem enquanto a limpeza da sala se está
fazendo.

Finalmente, tratem-no como um ser vivo,
sentimental e susceptível.

A minha alma engrandece,
Glorifica o Senhor!

E todo o meu espírito estremece
E crepita e exulta e resplandece
Em Deus, meu Salvador!...

Beijo de orvalho na folhinha de erva
Baixou Deus da vertigem do infinito
Por sobre mim, sua humilhada serva,
A eterna luz do seu olhar bendito...

E fiquei para sempre iluminada
Nesse piedoso e límpido clarão!
E não de chamar-me bem-aventurada
Sempre! de geração em geração...

O seu nome é sagrado:
E o seu poder que nunca terá fim
(Por ter em mim poisado)
Não vistas maravilhas fez em mim!

E aos que o temem e a quem dêle implora
Misericórdia e protecção clemente,

Deus encaminha-os — pela vida fóra
E sempre, eternamente...

Manifestou a força do seu braço...
E aos vãos, aos de orgulhoso pensamento,
Desfê-los — como a poeira, pelo espaço,
No turbilhão do vento...

Derrubou tronos e reis — pô-los de rastros...
— E aos humildes ergueu-os para os astros!

Deixou os ricos sem riqueza e nome
— E encheu de bens os que sentiam fome!

Com desvelado e carinhoso amor,
Protegeu Israel, seu servidor,

Marcou-lhe os firmes passos com sinais
De bênçãos e clemência,
Conforme prometera a nossos pais
A Abrahão e a toda a sua descendência...

E eis que será perpetuamente assim
Nos séculos dos séculos sem fim!...



DA ALBA PLENA

DE A. GIL

DESENHOS DE

RAUL LINO

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	
Brasil	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro	40\$00	78\$00	
Exemplares registados.....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Ber-
trand, R. Garrett, 73-75.

W W

Mala, Carteira, ou Bol-
sa para dinheiro, é o mais
proprio brinde do Natal.

Bastos Silva, Lt.^a Rua S. Nicolau, 81

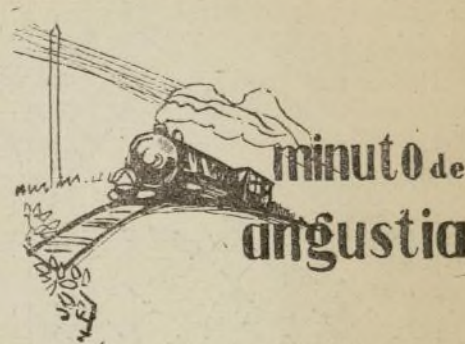
Paris - Chiado Rua Garrett, 64

JOALHARIA
DO CARMO

EXPOSIÇÃO das
mais lindas joias,
pratas e filigranas portuguesas.
Rua do Carmo, 87-B — LISBOA
Telefone: Norte 1360

Adquirem-se noções de todas as
coisas lendo o
MAGAZINE BERTRAND

W W



CONTEI-OS, eram dez os meus companhei-
ros de viagem — dez companheiros que
exprimiam em suas fisionomias a mesma
expressão angustiosa que dá a ansiedade
incontida.

O comboio abraçava-se quatro horas em Vilar
Formoso, e a ligação com o «rápido» do Norte
estava suspensa dum minuto. Perdido ele, per-
dida estava a aspiração que meus companhei-
ros tinham de passar a véspera de Natal com
suas famílias — aspiração que os fizera tentar
fastidiosas viagens, iniciadas de países longín-
quos.

Havia silêncio em todo o compartimento
onde, a miúdo, os relógios saltavam das algi-
beiras para as mãos dos passageiros e as guias
de caminho de ferro eram enegrecidas de calcu-
los feitos a lapis e com nervosismo.

Para romper o meu isolamento, num desejo
intenso de permitir a todos um desafogo que
só por cortezia supunha reprimido, aludi, ao
acaso, para o meu companheiro do lado di-
reito, ao aborrecimento em que todos íamos.

Com grande espanto meu, êle voltou-me,
quasi sorridente:

— A minha ansiedade é diferente da dos nos-
sos companheiros de viagem. Eles desejam não
perder o comboio, eu receio que tal catástrofe
não se dê.

E, para me provar, que me não estava misti-
ficando, contou-me a seguinte e verídica histó-
ria, plena de tragédia e de fatalismo:

— Meu pai, afastado muito cedo da famí-
lia, viveu toda a sua adolescência e toda a sua
mocidade no Brasil, trabalhando, porfiando
num grande desejo de enriquecer, não por am-
bição, mas por vingança do seu temperamento
voluntário e sensível. Queria resgatar-se da
acusação que lhe fizeram, num dia de domés-
tico mau humor, de não encerrar a vida pelo
prisma das coisas reais e praticas. Durante
vinte anos, acariciou a sua vingança: viveu
só dela e para ela. Sobre a sua situação finan-
ceira, guardava um grande segredo, a fim de
aparecer de surpresa a seus pais, com uma
bela saúde física e uma brilhante situação co-
mercial. Tinha pelos seus ascendentes, prin-
cipalmente por sua mãe, uma adoração infi-
nita. Quando desembarcou em Lisboa o seu
primeiro impulso foi correr a casa deles, lan-
çar-se-lhes nos braços e jurar que não volta-
ria a abandoná-los. Perto de casa, mudou de
resolução.

Estava-se na ante-vespera do Natal. Enten-
deu que a alegria seria mais profunda se apa-
recesse no dia seguinte. E êle, que tinha sa-
bido esperar vinte anos sofrer, com a maior
tortura da sua vida, aquelas vinte e quatro
horas de espera, a que, voluntariamente, se
condenava. Fintas elas, apareceu em casa dos
pais, pontualmente, à meia noite. Minha avó,
ao vê-lo, empalideceu, ficou estatica, incapaz
de fazer um gesto e de articular um som. Cinco
minutos depois, sucumbia a uma síncope car-
diaca.

Novamente, o silêncio pesou sobre mim, as-
xiando-me. Ao lado, mudo e hirtto, o meu com-
panheiro chorava.

Soube, uma hora após, a razão das suas lá-
grimas. A sua história era a de seu pai, muda-
dos os cenários, mudados os países: um tro-
cara a família pelo Brasil, o outro abandonara-
a pela França.

Compreendi, então, o seu desejo de não che-
gar a tempo de encontrar o «rápido», na Pam-
pilhosa. Receava dar, com a alegria que a
sua presença ia, decerto provocar, a sua mãe
o mesmo fim inesperado e trágico de sua avó.
Emocionei-me com essa triste e provável coin-
cidência e desejei, talvez tão intensamente
como êle, chegar tarde, perder o comboio. Su-
gestionei-me até à angústia. E pela primeira
vez aquêle monstro rolante, que devorava o
espaço, com um tilar estridente de ferragens,
se fundiu no meu espírito à idéa da morte.
E o maldito comboio, avançava velozmente,
com uma raiva inconsciente, parecendo obsti-
nar-se em lavar uma sentença irremediável e
trágica.

Chegámos à Pampilhosa quasi ao mesmo
tempo que o «rápido». Desapareceu-me a cora-
gem para confortar o meu desventurado com-
panheiro, para o aconselhar a não sacrificar à
sua ansiedade, a vida de sua mãe.

Na Pampilhosa, ao fim da viagem, não mais
o voltei a vêr. Horas depois da chegada uma
angustiosa interrogação se apoderou do meu
espírito, me fez crisar os nervos: Que se te-
ria passado? E nunca, em toda a minha vida
uma curiosidade, tão aguda, tão emotiva, tão
absorvente, tão insatisfeita me dominou...

CRISTIANO LIMA.

W W

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

BORDADOS E RENDAS

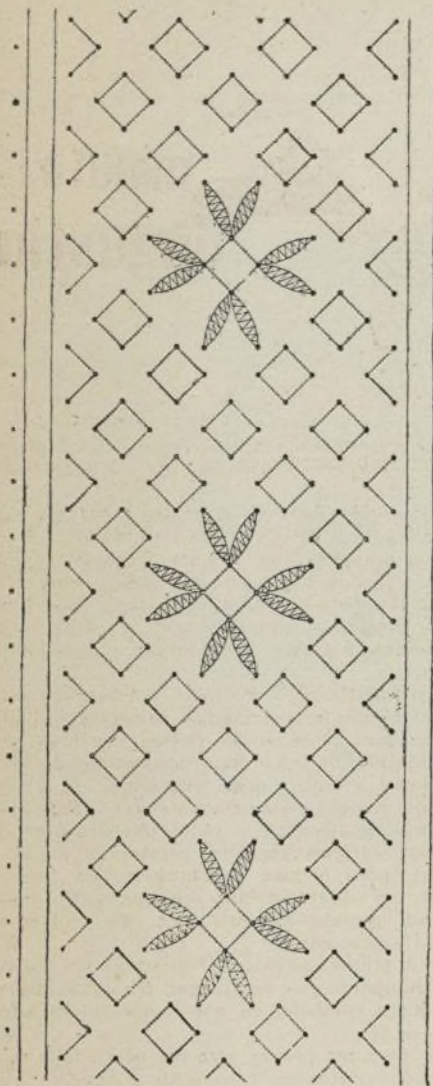
às nossa leitoras. Os motivos que hoje damos são dos mais fáceis e rápidos, sem deixar de ser muito originais e lindos.

Sobre linho ou qualquer tecido de fios grossos, executam-se muito bem estes bordados, que podem ser matisados de várias cores, quando o desenho assim o indicar.

Os dois bordados, que esta página contém, são

RENDAS DE BILROS

As rendas de bilros, primeiramente fabricadas em Itália e nos Países Baixos, estiveram muito em voga na época da Renascença, e ainda hoje elas são confeccionadas com muito interesse em todos os países onde os trabalhos femininos são tratados com agrado.



BORDADOS «COPTAS»

Os vários motivos de bordados coptas, isto é, os bordados usados pelos primeiros cristãos egípcios, que hoje apresentamos, são os que no século III a IV enfeitavam os seus ricos vestidos.

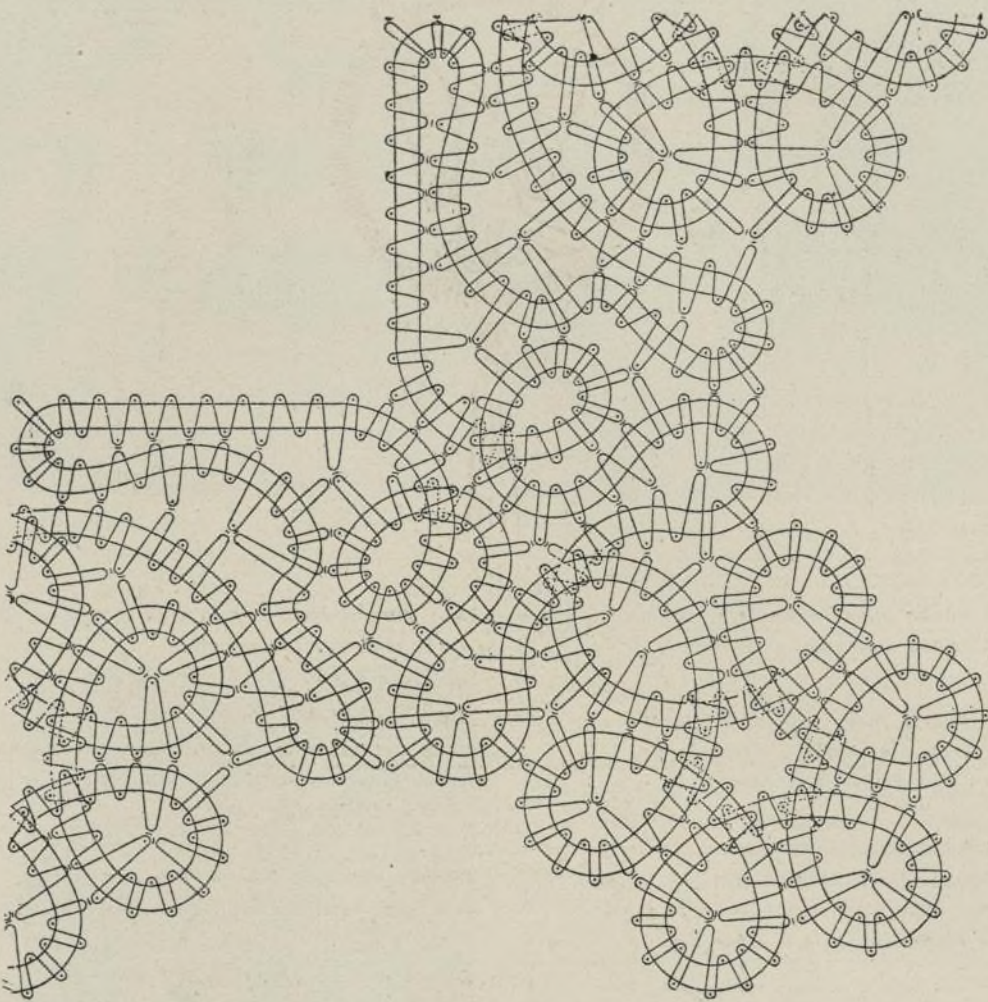
Estes bordados, por vezes duma extrema finura, são executados num ponto simples em lã ou «perlé» de várias cores.

Uns simples alinhavos simetricamente colocados sempre com a mesma dimensão, o que se obtém contando os fios intervalados, dão-lhes um carácter particular de perfeição e beleza.

Os seus desenhos não têm a mínima relação com a antiga arte egípcia; tem, pelo contrário, um «cachet» completamente seu e uma pureza de estilo notável. É o que se chama o estilo copta.

Alguns dos desenhos mais recentes lembram os bordados bizantinos da melhor época, o que se explica facilmente pelas relações comerciais que sempre têm existido entre o Império do Oriente e o Egipto.

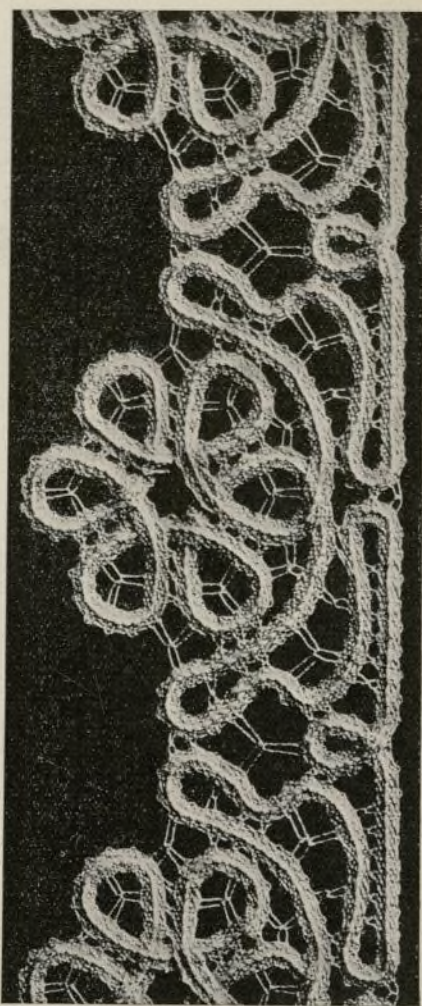
Estes bordados têm despertado em todos os países um grande interesse pela sua novidade e variedade. Dividem-se estes desenhos em três partes, que sucessivamente iremos apresentando



feitos, um só com uma cor e outro com três, que podem ser verde-escuro, laranja e ocre. O que tem uma só cor pode ser feita no tom que se desejar, combinando-o de harmonia com o fim para que é feito.

Em geral, as rendas de bilros apresentam um carácter especial, segundo as regiões onde são fabricadas.

Também ao norte de Portugal, principalmente em Vila do Conde, onde todas as mulheres são



rendeiras, as rendas são tão lindas e perfeitas, que mereciam bem ser mais celebradas que as dos outros países, tão magníficas são.

É pena que o público em Portugal não encorage esta indústria artística popular, com um carácter tão original e tão nosso.

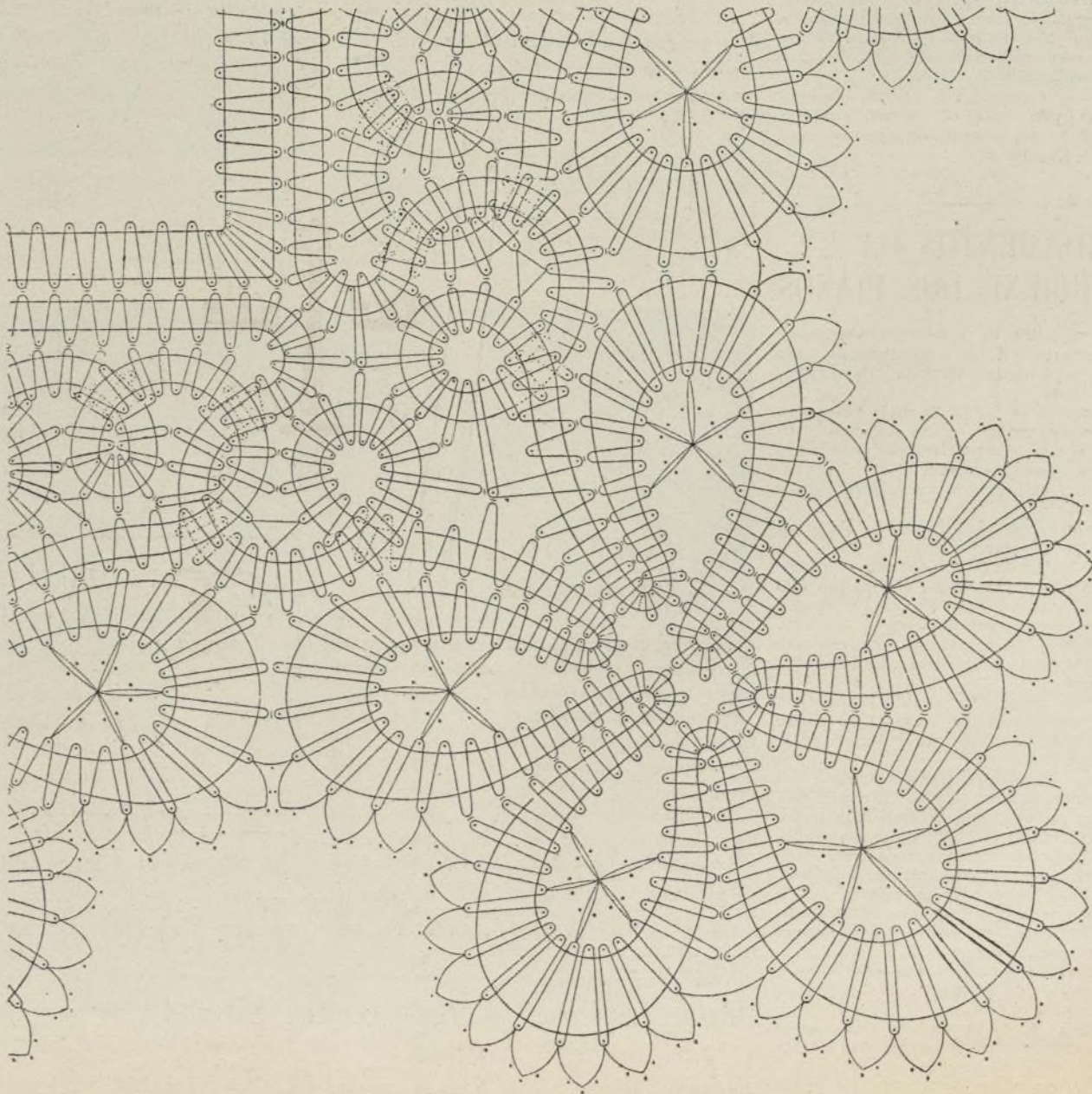
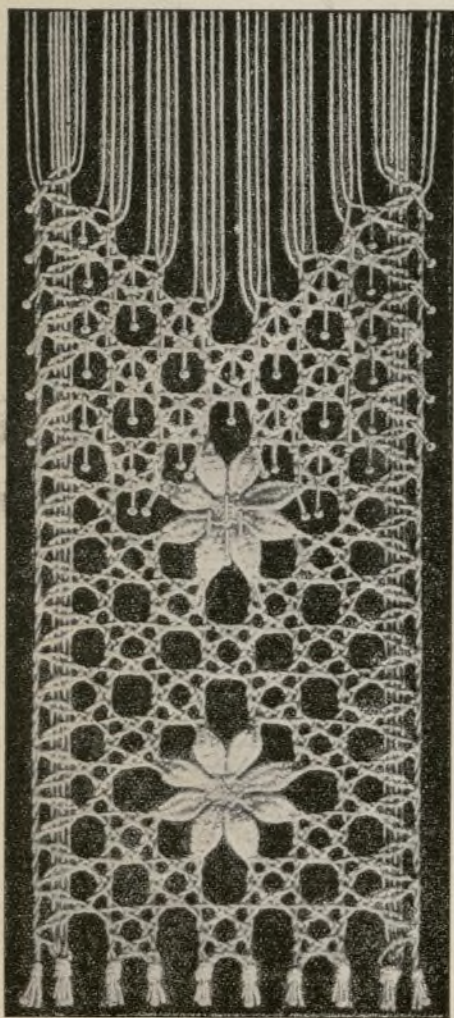
A grande resistência destas rendas e os empregos variados que se lhes dá asseguram-lhes um lugar superior e importante entre as guardiões dos diversos objectos de roupas brancas d esenhora ou do «ménage».

Damos hoje um lindo entremeio, que é simples de executar, mas rico de conjunto, podendo empregar-se em várias coisas, simplesmente variando a linha com que deve ser feito.

Dois lindos cantos, para serem aplicados, o mais estreito numa toalha de chá e o outro numa toalha de mesa, são novos modelos que a nossa página apresenta.

Quem perante tão lindos modelos não se tenta a confeccionar uma destas lindas rendas?

(Continúa na página 20).





GINÁSTICA INFANTIL

A participação do elemento feminino nos sports é valiosíssima quando, através a mulher, o sport se torna extensivo à criança. Ninguém como a mulher possui o instinto das necessidades da criança, mas infelizmente, entre nós, é quasi nulo o conhecimento e a prática dos exercícios de uma ginástica adequada e familiar, destinada ao harmónico desenvolvimento dos bebés.

Os gestos das crianças, nas manifestações do seu instinto, carecem de ser orientados, e é este momento da vida infantil o mais próprio para despertar, corrigir e coordenar uma série de movimentos que perfazem um magnífico conjunto de exercícios benéficos para a cultura física da infância.

Sabe-se, por exemplo, que um objecto colorido e brilhante, desperta vivamente a atenção dos pequenitos. Nada mais fácil, pois, do que utilizar esse interesse dos bebés, para os impelir docemente a uma série de movimentos, com que ganhará muito a flexibilidade do seu corpo.

Coloque-se o bebé de costas. Aproximando, a pequena distância da cabeça, um pequeno objecto, brilhante ou sonoro, é fácil despertar e regular lentos movimentos de cabeça, inteligentemente conduzidos pelo ritmo da descida e da subida do mesmo objecto, sobre que o bebé fixa a sua atenção.

Colocando esse objecto, alternadamente, próximo das espáduas, a criança que ainda não tem estabilidade, é impelida a um pequeno esforço sobre si própria, obtendo-se assim a mobilidade da cabeça e a flexibilidade da coluna vertebral.

Outro exercício curioso da ginástica familiar para o robustecimento físico da criança, tem, como principal elemento, a ternura dos pais. É um exercício lindo e muito aproveitável, como se vai ver.

O improvisado ginásio é constituído pelas pernas do papá, que para este efeito está sentado numa cadeira.

O pequenito não dá pela lição de ginástica. A sua educação física, nesta fase, é um jogo muito divertido, que tem como meta, um beijo.

O exercício começa pela colocação do pé direito sobre a coxa da pessoa que está orientando a ginástica. Com o auxílio da mão, a criança terá que subir, numa suave escalada, até atingir o pescoço, onde o espera uma carícia. O movimento repete-se três vezes sobre cada perna. É um lindo exercício, que não fatiga, que a criança faz de muito boa vontade, que muito aproveita ao seu robustecimento e ainda, moralmente, aproximando-a do afecto dos pais.

SALON DES ELEGANTES

DE A. HILARIO PÉDICURE ET MANUCURE

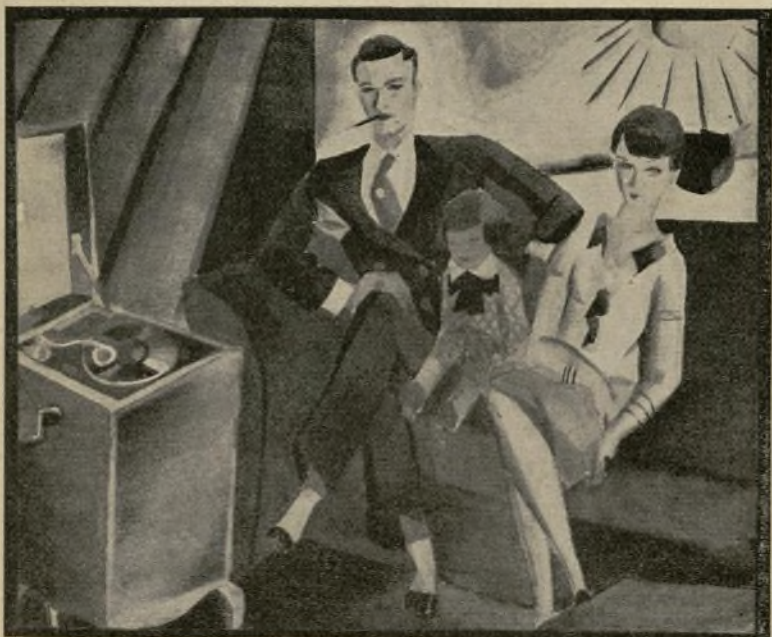
Confortáveis instalações de

CABELEIREIRO DE SENHORAS

sob a direcção de E. VILAR - Massagens, Teintures

L'ORÉAL HENNE - Parfums estrangeiros

Rua do Carmo, 15, s/l. Telefone 1766 C.



NOITE DE INVERNO — O frio, o vento, a chuva, dançam nas ruas a sua sarabanda de desespero. Como é bom, como sabe bem o aconchego da casa, na intimidade doce da família querida, as janelas bem fechadas, a casa aquecida, a esposa, os filhos, todos, juntos na mesma comunhão de sentir. E como este bem-estar é maior, mais suave, como parece curta a noite, ouvindo boa música, a todos embalando a alma, fazendo-a divagar ao sabor dos seus

sonhos e desejos. Hoje ter boa música é fácil; os modernos discos gramofones que se vendem no Salão Nuparth da Rua Nova do Almada, são dos mais perfeitos, dos de maior categoria, e pode dizer-se que todas as boas casas de Lisboa, ali vão buscar o meio fácil de terem à sua disposição a arte maravilhosa de Galli-Curci, de Fleta, Caruso, Schipa, Kreisler, Meifetz e tantos outros magos dos sons...

DO LAR:

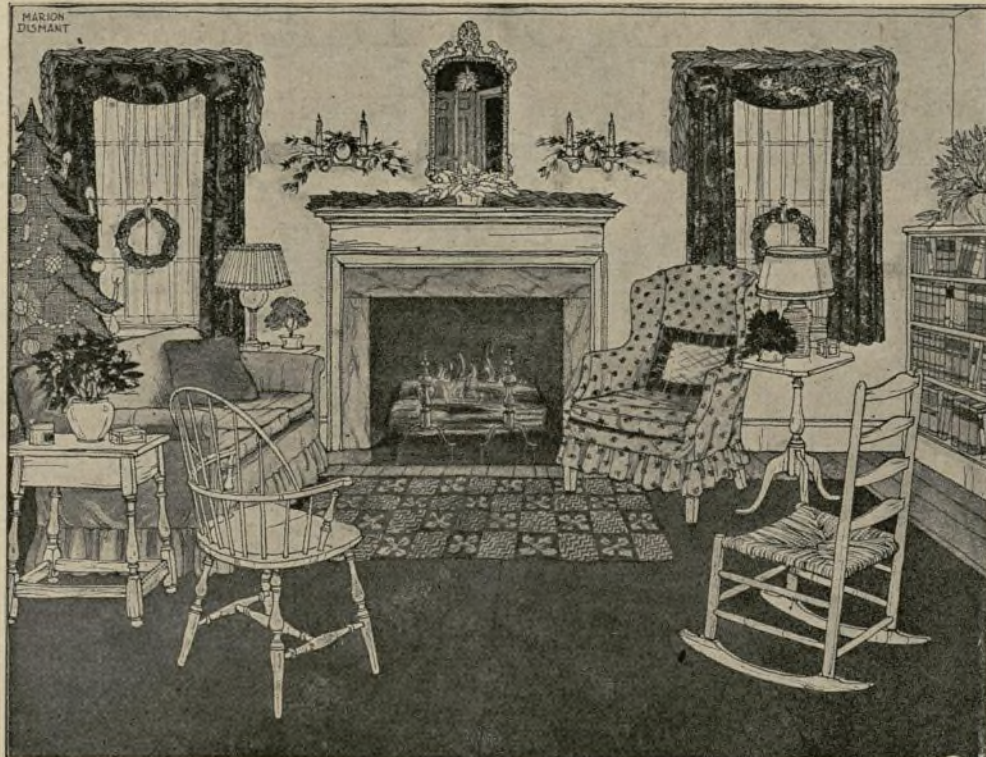
NATAL DOS PEQUENOS

É o dia de Natal. Apenas o sol se filtra pelas cortinas da janela já as crianças, ainda ensonadas, saltam da cama e correm para o fogão no anseio de ver se o Menino Jesus lhes foi pôr os brinquedos no sapato pequenino.

Toda a noite elas sonham com lindos bone-

todos contemplam, neste dia «de festa da família», das ofertas e dos doces. Em volta da lendária árvore todos terão a mesma surpresa de alegria que tem os lindos bebés.

Aproveitando esta semana do Natal em que as crianças tem o seu reino de alegria e folgado, apresentamos um encantador quarto de



cos, uma árvore de Natal que o Deus Menino, com as suas mãos luminosas, todo ele envolto numa auréola deslumbrante, ali tinha vindo colocar nos seus alegres quatinhos.

É maravilha! que lindas e maravilhosas coisas, brinquedos e doces, ele ali tem ao pé da sua caminha clara, pendurados na árvore de Natal. São tantos, tão variados e tentadores que, perplexos, não sabem qual devem eleger como primeiro.

Todos igualmente os seduzem, a locomotiva que parece estar pronta a partir, o aeroplano em cartão dourado, que voador sobre a linda árvore e que são o seu encanto e o seu sonho.

Sempre esta linda scena, duma ingenuidade poética da árvore de Natal, que é sempre a mesma, com os seus raminhos verdes e as suas velas brilhantes.

Nesta árvore podem colocar-se brinquedos para as crianças, livros para os mais crescidos, e ainda colares, malas ou várias pequenas coisas que fazem o encanto das raparigas, e que

criança, tão lindo e gracioso, como útil e instrutivo.

Não é preciso ser um quarto de grandes dimensões, pois a mobília é toda pequenina e própria para crianças.

A parede pintada de cor creme ou verde

que mostra a gravura. Esta mobília em miniatura é muito completa, não lhe faltando o guarda-fato cujo espelho tem o tamanho justo para que o bebé possa à vontade ver as suas ingenuas «coquettries».

claro, será enfeitada com lindos desenhos, alegres e fantasistas, que servem ao mesmo tempo de divertimento e de estudo.

Um alfabeto de letras ilustradas cerca a parede em volta; passaros, cartas, animais, flores e motivos diversos entrelaçam-se nas letras, desenhando um friso gracioso e cheio de vida. A janela é «drapée» em grossa «étamine» branca, presa com um grande laço de fita que deve ser da cor com que foi pintada a parede do quarto. Toda a mobília, numa cor muito clara, deve ser feita com a simplicidade

Uma ideia engenhosa consiste em ter alojado no cimo deste movei um soberbo elefante, numa espécie de nicho; este elefante é uma simples silhueta em madeira; está fixado sobre uma tábua com rodas e pintado de cinzento, branco e vermelho. É um brinquedo que se faz com facilidade e todas as crianças terão uma grande alegria em possuir um tão soberbo e magestoso elefante.

No vão da janela uma pequena caixa, — onde se pode guardar os brinquedos — está disfarçada em divan coberto de cretone e com uma almofada bordada em aplicação de vários tons.

No solo, lindos e coloridos tapetes e uma enorme «carpete». Num dos angulos desta um grande urso de «peluche» amarela que parece guardar severamente o quarto.

Hirto e aprumado, ele está no seu posto como um militar cumprindo o seu dever.

Um quebra-luz em seda, com pequenos animais bordados a ponto de «pé de haste», completa a linda ornamentação, encanto e alegria dos pequeninos.

Um conjunto também cheio de alegria, de flores, de luzes, é o que damos na nossa segunda gravura, recanto íntimo e alegre aonde, aquecidos pela temperatura doce do fogão, se pode passar a tradicional noite, vespéra de Natal.

Nesta noite tão santa, celebrada com tanto carinho e amor, queiram-se ausências, desfazem-se ressentimentos e, num abraço de amor e paz toda a família se reúne, conversa e ri, lembrando tempos passados onde havia ingenuas crenças nas lendárias ofertas que caíam pelas chaminés.

Eis, pois, uma decoração amena e linda, com cretones e folhagens, muita luz e alegria no seu conjunto garrido, que tão bem se harmoniza com a inquietude de espírito que nestes dias de festa toma todas as pessoas, ansiosas de divertimentos e distrações.



UMA ANECDOTA

O conferencista Y. X. apresenta-se pela primeira vez na cidade de V., precedido de grande réclamo. À hora marcada para o início da conferência, saudado por uma salva de palmas, desdobrou sobre a mesa, com o clássico copo de água, folhas e folhas de papel. Mas tão bom ou tão mau era o literato que o público foi saindo a pouco e pouco até deixar a sala vazia.

O conferencista, porém, não se deu por desapontado. Falava, falava, seguida, imperturbavelmente, infundavelmente. E que na plateia havia

ainda um ouvinte, a seguir, interessado, as fases da conferência. Era para esse, que a sabia compreender, que ele ali estava!

Decorreu hora e meia, sem uma trégua, e sem que o paciente ouvinte arredasse pé.

Mas a certa altura este interrompeu o conferencista:

—Dá licença, meu caro senhor? Quando acabar de ler aí essa história, faz favor fecha a porta... Fica aí a chave! Eu vou para casa que a mulher e os filhos estão à minha espera...

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO

DEPOSITO — RUA IVENS, 30

QUANDO AS MODAS EM BAGATELAS O DESTINO SORRI... AS PEROLAS NOS VESTIDOS :: DE BAILE :: VOGA UM MODELO Suntuoso E :: ORIGINAL :: FUTILIDADES QUANDO SE PRINCIPIARAM A FAZER FLORES ARTIFICIAIS?

CONHECERAM-SE num dia em que a chuva, tombando fria e lenta desde manhã, forçava os hóspedes a ficar no hotel. Os veraneantes, como o único hotel da modesta vila do Vale do Vouga em que se encontravam, não tinha nem *hall* nem jardim para se evadirem dum aborrecimento implacável, fraternizaram uns com os outros, dando-se a toda a espécie de diversões, sem excluir aquelas que, por demasiadamente ingénuas e sêdicas, foram de há muito banidas dos costumes.

Maria Ricardina, a quem todos os rapazes faziam, de longe, com os olhos, um namôro cómico e mudo, receando mais seu ar severo do que a presença de sua família, procurou, de preferência, a companhia de João Valadares, o único que afectava uma singular indiferença por sua mocidade e esbelteza.

Ambos tímidos, ambos inimigos do ruído, dos conhecimentos fáceis e das frívolas convívências, encontraram-se, sem premeditação, junto da mesma janela, admirando a paisagem, melancolizada pela chuva.

De quando em vez, olhavam-se, furtivamente, sem ousar arriscar a mais incolor das palavras, a mais incaracterística das frases. João Valadares sentia sua timidez dobrar, diante daquela rapariga, activa de maneiras e pouco comunicativa, no temor de que o mais ligeiro olhar dos seus olhos, o mais ligeiro movimento dos seus lábios pudesse ser interpretado como uma galanteria, uma confissão de admirativo entusiasmo até como uma tentativa de amorosa declaração.

Maria Ricardina receava, sendo a primeira a quebrar o silêncio, deixar no espírito daquele rapaz, tão grave e tão sério, a impressão de ser banal e fácil, como muitas raparigas da sua idade.

Por fim, o silêncio tornou-se, para ambos, insustentável. Então, na ânsia de acabar com um constrangimento que era uma tortura, fitaram-se, pela primeira vez, lealmente, demoradamente e sobre o primeiro incidente da paisagem, começaram conversando. Pouco a pouco, com lentidão, a conversação foi-se animando e redobrando de intensidade. Esqueceram suas antigas prevenções: nem ela temeu parecer leviana, nem ele confundir-se com os que lhe

Para dansar, passear ou para *soirée* use sempre

CALÇADO «ELITE»

faziam um namôro insistente e desesperado. Confidenciaram suas opiniões, suas ambições, suas alegrias e seus aborrecimentos. Notaram, com espanto, que suas almas vibravam da mesma maneira, que suas sensibilidade se irmanavam. Até que voltaram a fitar-se com tal intenção de adivinhar o que as palavras não diziam, o que existiria para além das confidências trocadas, que se perturbaram. E, novamente, o constrangimento voltou. E, novamente, o silêncio os separou. Durante minutos não se falaram, quasi arrependidos de tudo o que tinham dito, receando terem abdicado do seu feitiço activo, mascara da sua timidez, disfarce púdico de seu temperamento apaixonado e veemente.

Quando, ao entardecer, a chuva cessou, os jogos inocentes de sala pararam, a intimidade diluiu-se, por encanto — e à hora do jantar, os hóspedes voltaram a isolar-se uns dos outros. João Valadares ficou, por acaso, ao lado de Maria Ricardina. Durante a refeição não se entreolharam, não trocaram uma só palavra. E, quando, ao erguerem-se da mesa passou, diante d'ele, activa e indiferente, simulando não o ver, João Valadares sentiu que uma estranha hostilidade os separava.

Uma semana decorreu, lenta, sem que voltassem a falar-se. Para aumentar sua tortura appareceu no hotel um rapaz que falava a Maria Ricardina com grande familiaridade.

Jurou, então, esquecê-la, muito irritado com o seu desdém e com o domínio que aquela intrusa começava a ter na sua existência. Esquecendo, porém, seu intento, provocou, intencionalmente, uma apresentação com o rapaz, fítnimo de Maria Ricardina, cumulando-o de gentilezas e forçando-o a aceitar várias excursões às vilas próximas. A mesa estabelecia, com êle, longos diálogos, ferindo, com subtilidade, ironias sobre aquela por quem, apesar de tudo, sentia um redobramento de afecto. Uma vez foi mais longe: serviu-se das confidências dela, emprestando-as a uma personagem de suposta novela, para a ridicularizar e para manifestar o ódio que julgava sincero contra aquela criatura tão cruelmente desdenhosa.

Um dia soube que só vinte e quatro horas ela permaneceria no hotel. Maria Ricardina regressaria a Lisboa e a separação seria irremediável. Então, durante longas horas, seu orgulho se obstinou lutando contra o seu amor. Venceu o amor e Maria Ricardina leu e releu, no dia seguinte, esta passagem duma carta tão terna

O elegante e original vestido, modelo desenhado exclusivamente para a *Voga*, que hoje apresentamos, é dum soberbo conjunto que agradará a todas as senhoras elegantes que desejem apresentar as suas *toilettes* de noite, inéditas e lindas.

As pérolas são a última palavra da moda como ornamento dos vestidos de baile.

O nosso modelo, em *crêpe Georgette*, *bois de rose*, é dum lado completamente bordado a pérolas. As aplicações mais escuras são feitas em pérolas, no tom do vestido, mas mais forte,

suplantar todas as elegantes presentes que escondem em si o mesmo intimo desejo? Vencer, ser a rainha do baile, todas as jóvens ao contemplarem-se nos grandes espelhos o desejam, vestindo as suas *toilettes* escolhidas a capricho e profusamente enfeitadas a pedrarias refulgentes e lantejoulas pollicromas.

O «lamé» de ouro e prata, de grande brilho e beleza, de que se fazem os ricos vestidos, tem todas as preferencias.

Todas as senhoras elegantes e consciêntes da sua beleza desejam, ao entrar nos grandes



e os fios que circundam estas aplicações são de pérolas prateadas.

Uma «aile» caíndo com um á vontade encantador dá a este vestido um aspecto de requinte, de finura e de graciosidade, que nos maravilha. Uma linda e estranha flor em *bois de rose* e prateado completa a harmonia suntuosa deste vestido.

Quem, por entre as luzes fulgurantes dos grandes salões onde os lustres resplandecem e jorram fáscentes luminosidades, não deseja

e concludente na sua aparente frieza:

«Sem frases, sem subtilezas, sinceramente, docemente, Maria Ricardina, quere estabelecer um diálogo sobre uma união definitiva de nossos destinos, das nossas vidas?»

— Não tem resposta — voltou Maria Ricardina, dissimulando seu contentamento.

— Não tem resposta — repetia João, imitando o tom da criada, portadora do recado, exasperado, furioso, convencido de que a vida não passava da peor das maldições.

Já duas vezes a criada levantava os pratos intactos diante de João. Preocupado com disfarçar a dupla ferida que a resposta de Maria Ricardina abria no seu coração e no seu orgulho, arranjara um sorriso que lhe arrepanhava

os lábios num rictus doloroso, completando-se a revelação da sua tristeza, na agitação, na desorientação nervosa dos seus gestos.

Num movimento incontinido fitou-a e descobriu-lhe um sorriso. Zombaria? Se ela repetiu o sorriso, não será senhor da sua serenidade. Fará escândalo, provocará o «outro». E o sorriso repete-se e êle não provoca escândalo, não insulta o «outro». A dúvida sacode-o e num lampejo, uma esperança, ainda ténue, sucede-lhe.

Terceiro sorriso de Maria Ricardina, seguido dum cumprimento carinhoso, discreto, só para êle notar! E adeus escândalo, adeus provocação! João sorriu, pela primeira vez naquele dia — sorriu a um sorriso que decidia do destino e lhe acelerava, desordenadamente, as palpitações do coração: — sorria à sua própria felicidade.

SOFIA DE SOUSA.

A fabricação de flores artificiais remonta aos mais antigos tempos. Os primitivos povos da Índia, os egípcios, os gregos, confeccionaram flores artificiais.

Na antiga Bizâncio tomou grande incremento esta arte, passando mais tarde para Veneza, depois para França e Espanha.

Todavia, longe de adiantar na imitação das flores naturais, reduzia-se a arte à confecção de flores de simples capricho ou fantasia, de desenhos mais ou menos elegantes.

Em 1708, principiou a aplicação dos processos químicos à confecção de flores artificiais, imitando as da natureza. A nova feição tomada pela arte referida, desde essa época, influuiu notavelmente no seu desenvolvimento, em tais termos que, por fins do século XVIII, as flores artificiais fabricadas nas onze fábricas que então existiam em Paris, eram vantajosamente colocadas em todos os mercados da Europa.

Houve em Portugal o florista Constantino, o célebre Constantino, que fez flores tão absolutamente perfeitas, duma semelhança tão exacta, tão categórica, que, juntas às naturais, se confundiam. E das flores executadas por este artista, o melhor que houve em todo o mundo, que se conta o seguinte caso:

Um estrangeiro, que desconhecia este grande artista, passando pela sua casa e vendo flores tão lindas, entrou para comprá-las. Pegando nelas, quis aspirar-lhes o perfume, supondo-as naturais. Chegaram a um tal requinte de perfeição, as flores deste homem, que confundiam mesmo quem as visse de perto.

O duque de Orléans, a quem êle ofereceu um ramo, também caiu no mesmo lógro.

COMO SÃO AS SEGUNDAS NÚPCIAS NA HOTENTÓCIA

SEGUNDO as leis ou costumes dos hotentotes, as viúvas que desejam contraír segundas núpcias, ficam sujeitas a certas obrigações, que mais podem ser consideradas como seções, que mais podem ser consideradas como severos castigos.

Toda a mulher que se casa pela segunda vez, tem que cortar a si própria uma falange de um dedo e oferecê-la ao seu novo esposo.

COMO SE CASAM OS CHINESES

Na China, o homem que deseja contraír matrimónio, não pode ver a noiva até ao próprio dia da boda.

Chegado esse dia, o noivo vai a casa da sua futura esposa, acompanhado por um séquito de amigos e músicos, e ali é recebido no compartimento principal, pelo indivíduo que está prestes a tornar-se seu sógro. Depois de se fazer uma libação, entra a noiva coberta dos pés à cabeça com um manto de pano carmezim muito espesso; esta faz uma reverência para o lugar onde sabe que está o seu prometido, embora o manto lhe impeça que o veja.

Em seguida, a noiva sobe para a sua liteira, e é conduzida no meio da escolta dos circunstantes, à sua futura casa. Ao chegarem à porta, o noivo rá uma pancada com o seu leque na portinhola da liteira, e a noiva, sempre bem guardada, é levada para cima duma caldeira com carvões acesos, que se encontra no humbral.

Uma vez na sala, onde o noivo já então a espera, prostra-se no chão diante, d'ele, o que significa a attitude da escrava perante o seu senhor. O homem levanta-lhe o véu e noivo e noiva, pela primeira vez, se contemplam.

É de supor que, neste crítico momento, se hão de dar muitos desenganos; mas a etiqueta proíbe que se solte uma única palavra.

Depois, o matrimónio effectua-se ante o altar dos antepassados, em que o noivo invoca os manes dos seus maiores, lhes anuncia o seu casamento e lhes pede a bênção.

PLANTAS ARTIFICIAIS

As plantas artificiais são sempre recobertas duma espécie de verniz que, com o tempo, não tarda a perder o brilho, por causa da poeira que lhes cai em cima. Pois é fácil limpá-las. Aconselhamos a seguinte maneira, a qual em coisa alguma prejudica a beleza da planta, podendo-se além disso, repetir-se com frequência:

Aproxima-se a planta por limpar dum lume forte; assim que a sfolhas se tornarem brilhantes, passa-se sobre a sua superfície envernizada um papel de seda branco com que ao de leve se esfregam as folhas, rapidamente.

Em breve a planta surgirá limpa e brilhante.

A LINGUAGEM DAS FLORES

Meu querido amigo: — Conheci há dois anos, na sociedade financeira da Chaus-sée d'Autin, Eudóxia, minha esposa. A sua beleza por tal modo me cativou, que fiquei doido de amor por ela.

Consultando a minha paixão, mandei-lhe um ramalhete com as seguintes flores: *malmequer*, tormento; *centáurea*, melancolia; *tulipa*, declaração de amor; *botão de ouro*, amor constante.

Eudóxia entendeu-me à legua. Só as mulheres têm o instinto das coisas delicadas.

No dia imediato mandou-me também um ramalhete com estas outras flores: *violetas*, modestia; *papoulas*, reconhecimento; *mangerona*, felicidade; *cravo*, sentimento; *lilás*, primeira impressão de amor.

Quantas coisas nestas cinco flores!

Tornei-lhe a mandar um *amaranto*, imortalidade; e *murta*, amor. Ficou com a murta! A coisa estava clara, correspondia ao meu afecto.

Respondi-lhe com uma *dormideira*, sono; e *amor-perfeito*, recordação, o que queria dizer: «Adormeço todas as noites lembrando-me de si!»

Respondeu-me ela a isto com uma *perpétua*, constância; *boas noites*, timidez; *madresilva*, laço de amor; *flor de laranjeira*, castidade! Queria dizer: «Que seria a sua constância filha do amor mas que a sua castidade lhe impunha deveres».

Mandei-lhe a correr uns *goivos*, beleza duradoura; uma *anémone*, candura; e um *lírio*, pureza. «Duradoura beleza, comoveu-me a tua candura; são puras e legítimas as tuas tensões e tenho 80.000 libras de renda».

Mal vinha despontando a aurora, recebo de Eudóxia uma *rosa branca*, inocência; um *raínúculo*, impaciência; e uma *primavera*, desejo de amor.

Dai a pouco casei com Eudóxia e no dia imediato viam-se na alcova nupcial, e bem atadinhos um ao outro, um *botão de rosa*, «virginitas», e um *jasmim*, «voluptas».

Passados tempos apareceu no mesmo sítio um ramo de *hera*, amizade; o que queria dizer que no casamento, depois de alguns anos, vem a amizade substituir o amor.

Em vez da *hera*, o que lá estava, daí a pouco, era um *lírio do campo*, indiferença; e um *resedá*, felicidade passageira, o que escusa de tradução.

Passaram-se mais uns dias, e acho-lhe no espartilho a flor a que chamam: *borboleta*, faceirice, e um *lírio amarelo*, infidelidade.

É ela que enche o meu coração de *absinto*, amargura, e de *mangericão*, ódio.

Faze ideia do meu martírio.

Teu amigo

F.

UM CONSELHO POR SEMANA

COMO A MULHER DEVE EMPREGAR O SEU TEMPO?

O emprego do tempo é uma questão importantíssima. Eis a razão porque, antes de mais nada, é preciso fazer um horário do dia, dividindo as horas de modo a que nelas caibam as mil obrigações que fazer parte da educação complementar duma jovem.

Um excelente costume, caras leitoras, será o de «deitar cedo e cedo erguer» — como aconselha o nosso velho e sábio rifão. Levantar cedo! Se as horas da manhã são as melhores, as mais preciosas, se elas são insubstituíveis! O trabalho da manhã é sempre o mais perfeito, aquêle que se faz de melhor vontade e mais rapidamente. Nunca uma mulher, que se levanta tarde, poderá ser uma boa dona de casa. Em breve o desperdício e a desordem se introduzirão em sua casa.

Devemos pois exigir da nossa filha que ela se erga cedo e a uma hora certa; nunca após as sete no verão, nunca depois das oito no inverno.

Bem sei, queridas leitoras, que muito vos agradaria preguiçar algum tanto na vossa alva caminha. Mas, crêde-me: a preguiça arrasta-nos a tristes sinas e deploráveis conseqüências. Ela volve-se tão facilmente em costume insuperável!

E, uma vez que vos tiverdes acostumado a «cedo erguer», ser-vos há um prazer, vê-lo-heis, o respirar o ar fresco da manhã, e enquanto o sol vai subindo pelo céu, vós, alegremente, ireis trabalhando, por vezes a cantar como os passarinhos na sua lida matutina.

CONSELHEIRA-AMIGA.

A P R E C E
D O N A T A L

Eu andava, na época em que decorreu esta peripécia simples, com as minhas fumagões de céptico e os meus ares superiores de pessimista convicto. Fôra a atmosfera tola e pretenciosa da Coimbra de outrora que me enchera a cabeça de maluqueiras e me fazia presumir de farto, de gasto e de desiludido. Tudo para mim era reles, insuficiente para me atrair a atenção e em redor da minha importante pessoa só vegetavam pessoas de pouca valia moral e portanto achava impossível que alguém no mundo (tirante eu, claro) fôsse capaz de uma boa acção, um senti-

mas mais pausada, babada, embevecida, das famílias pascárias que veneravam a bondade do doutor Anes.

De subito a porta abriu-se e as dezenas de olhinhos infantis, que se não despegavam d'ela, brilharam num anseio cubiçoso. De todas aquelas boquitas surdiram gritos agudos:

— Eu! eu!... Eu primeiro!...

— Viva o menino Jesus!... O cavalo é para mim!...

— Eu quero um átome!...

Mas a porta só se abriu para dar passagem ao doutor Anes que me chamou com um gesto.



mento nobre, uma generosidade sublime. Enfim... eu estava parvinho de todo!

*
* *

Pelo que atrás fica dito, não é de estranhar que eu resmungasse rijamente quando a minha gente quiz levar-me, em noite de Natal, a casa do visinho doutor Anes, o notário, bondoso e excelente homem que eu, todavia, olhava com desconfiança rosnando baixo ao vê-lo passar caminho da igreja: — Santarrão!... Jesuítas!

Não me foi possível esquivar-me afinal à visita planeada porque não achei coragem suficiente para me pôr em conflito com a vontade de todos os meus.

O notário Anes fazia nessa noite, em sua casa, uma linda árvore de Natal toda refulgente de luzinhas de cores, ao dependurão risonhos e patuscos brinquedos para a ganilhadagem do ao redor que havia semanas aguçava a cubia para o bodo e o engenho para obter melhor partilha.

Eu, a um canto, encarava com estudada atitude aquela alegria que estrelejava de toda a banda, alegria gárrula da petizada, dansando, pulando e rindo ante a porta ainda cerrada que, ao abrir-se lhe desvendaria o mistério da linda árvore que dá brinquedos e alegria também

Levantei-me surpreendido e segui o velho notário para o misterioso salão que povoava nesse momento os anseios loucos da petizada. E lá estava, na verdade, a pitoresca árvore de Natal de cem lumes multicores e ajoujada de quinquilharia berrante. O velho Anes disse-me no seu tom de voz, plácido e sereno:

— Meu caro e joven colega. A si, que visita pela vez primeira esta casa, compete a distribuição dos brinquedos à petizada e eu quero, nesta terra de empenhos... meter-lhe um empenho...

— Mas...

— Tenho uma protegida e queria que fôsse ela a primeira a escolher...

Eu estava desorientado, sem saber o que pensar daquela ocorrência estranha e só balbuciei:

— Oh doutor... pois não... a honra é toda minha... pois está claro.

Mas já o doutor Anes abriu uma outra porta e num rolur surdo entrara uma cadeira de rodas. E dentro d'aquela trágica aparelha a mais linda rapariguinha que meus olhos ainda viram, um anjo mutilado que segurava de encontro à saia vazia um par de meletas com que se ergueria poucas vezes daquele purgatório. E nos olhos da linda rapariga, uns doze anos ceifados cerce pelo destino implacável, havia agora todo o deslumbramento, todo o encanto dos outros meninos que pulavam ali ao lado nas pernitadas rosadas, numa triste ironia. E ela,

OS CONTOS DE FADAS

Os contos de Fadas, que muitos supõem uma velharia inútil, são uma necessidade para o desenvolvimento do cérebro da criança — início do movimento evolutivo da estética e da moral.

É ali, nos países maravilhosos dos contos de Fadas, que as crianças iniciam os seus primeiros sonhos de artista. Há lá, em jardins sumptuosos, flôres que parecem viver e rir, enquanto outras estão tristes; ninguém lhes toca sem o cuidado duma carícia; ninguém se atreve a cortá-las, com medo de matar, sem querer, alguma princesa encantada por uma Fada má.

E muito atentas, olhos abertos, as crianças escutam, aprendendo a olhar com mais amor as flôrinhãs da terra, que teem uma beleza que todos fingem desconhecer e que as mulheres colhem para se ornamentar com uma beleza que não teem. E talvez, no decorrer de toda uma vida áspera, não encontre aquela criança outro momento de tanto entusiasmo pelas coisas belas da natureza.

Passa-se bem a vida no país das Fadas, embora também lá haja gente má como na terra — mas há mais Fadas boas do que más. Fada velha e má é raro encontrar, porque quem muito viveu, muito sofreu e muito amou e muito aprendeu — e só o muito saber e o sofrimento ensinam a muito amar.

Por isso, no país das Fadas, os velhos são muito respeitados, não é como no mundo, em que as crianças, que os não entendem, lhes batem porque não teem forças e se riem deles porque os não compreenderam, nem a beleza das rugas que levaram tanto tempo a desenhar-se. Menino que em pequeno tenha gostado de contos de Fadas, há-de achar encanto no olhar dos pais ao envelhecerem.

Os contos, animando jardins misteriosos onde só vence quem é bom, forte e audaz, ensinam, no começo da vida, a força do amor e da coragem; — e a escola do amor e da coragem é a única escola da vida.

E porque não? Porque não ensinar a vida em atreitos contos de Fadas? É tão fundamentalmente humana a história das Fadas, que em todos os países elas teem a mesma forma — sempre ensinam que para fazer triunfar uma vontade, basta, às vezes, apenas um gesto de coragem.

E depois, as festas maravilhosas em jardins de encantamento, com vestidos de prata e estrêlas, fazem que as crianças abram os olhos para a natureza que as rodeia e comecem a achar encanto na beleza dos sons e das cores, a preocupar-se com o ritmo do movimento e dos gestos, ajudando o desenvolvimento do sentimento estético da vida, criando a necessidade da beleza das coisas.

São a iniciação da moral na Arte e também a iniciação da verdadeira moral de que a Arte é inspiradora; por isso, se deve a importância que lhe estão dando todos os educadores, compreendendo finalmente que é nos tradicionais contos de Fadas que existe a verdadeira literatura para crianças, tão difícil de realizar.

Por isso, exactamente, hoje não há menos cuidado de ilustração na obra aclamada dum grande poeta, do que num desprezencioso conto de Fadas, escrito decerto por um poeta também, para fixar num sorriso, os lábios das crianças a dormir.

MARIA LUISA.

a pobresinha, devia sentir ainda mais linda a árvore de Natal de cem luzes tornadas em mil fogachos a bailar-lhe nas lágrimas cristalinas que lhe desciam sobre os olhos verdes, cor do mar.

— É a Gina, a filha dos meus caseiros do Raposa! — disse baixo o doutor Anes — coitadinha...

E voltando-se para a pequena enleada, disse-lhe:

— Aqui o senhor doutor novo dá-te o que tu lhe pedires da árvore de Natal.

A Gina olhou-me e depois, com uma franqueza que me fez córar de vergonha, disse baixinho:

— E eu não poderia pedir antes ao Menino Jesus?...

O velho Anes, de lágrimas nos olhos respondeu com um aceno de cabeça bondosa. Então a mutilada volveu os olhos em torno até os poisar na porta, de onde vinha o garrular estridente dos pequenitos que sapateavam o chão, depois os mesmos olhos tristes se fixaram nas meletas abandonadas, logo nas luzes deslumbrantes da árvore. E por entre as lágrimas que me enchiam os olhos, vi a silhueta vacilante da pobre Gina inclinar-se toda para o mistério que pressentia confusamente para Além do que os seus olhos viam e ouvi dos seus lábios cheios de juventude a prece suprema:

— Menino Jesus, peço-te que peças à tua mamãzinha que não deixe haver no mundo mais meletas do que as minhas!...

E os seus olhinhos volveram-se outra vez à porta cerrada para lá da qual sapateavam alegremente os gaiatinhos da vila.

Desde esse dia deixei de ser estupidamente céptico e lembro-me sempre da velha bondade do doutor Anes que me abriu os olhos.

AMÂNCIO CABRAL.

NATAL DA NOSSA TERRA

O CINEMA NO JAPÃO



como se cultiva a árvore que nos dará flôr balsâmica e saboroso fruto.

Estamos no Minho. Entramos naquela casa modesta, vamos assistir à consoada.

Em larga, funda lareira, arde lentamente o *canhoto*, enorme tronco de carvalho, brilhando em labaredas, estalando em faúlhas, desfazendo-se em brazido, onde os pinhões rebentam, saboroso prémio para o feliz ganhador do *Rapa*.

A volta a família inteira, desde velhinhas curvadas, estendendo para o lume as frias, trémulas mãos, até à criancinha de côlo, flôr entreabrindo para a vida, a cuja loira cabecita encarcacolada, o reflexo das chamas empresta doirada aureola.

Sôbre a mesa, coberta por branquíssima toalha, em pratos e travessas de faiança antiga, prendem-se os olhos cubicosos às crianças e aos velhos, loiras, gostosas *rabanadas*, *mexidas*, *bolinhas de mel*...

Lá fóra a neve cai muito fria, chove, o vento assobia lúgubre, mas dentro... o generoso *canhoto* espalha calor, aquece corpos e corações, consumindo-se em fogo, rebrilhando...

No Algarve já não é assim. Não é usada ali a querida Lareira.

Em cada casa, porém, arma-se um Presépio, dias antes do Natal. É de cortezia trocarem-se visitas, louvando-se mutuamente a graça, o primôr com que cada família ornamentou o berço de Jesus Menino.

A volta da Missa-do-Galo, onde se cantam lóas ingênuas e fervorosas, ceia-se substancialmente... saboreiam-se doces de figo e amendoa, não esquecendo as *castas* tradicionais...

Num poemazinho intitulado *O Natal da minha terra*, descreve Saraiva o Natal na Beira.



SANTA, doce, aconchegada noite de Natal! Que malaventurado existirá que não declinar dos anos não possa reviver, resuscitada pela saúde, uma consoladora noite de Natal?

É tão bonito o Natal da nossa terra!

Deixemos aos estrangeiros enfeitarem, por esta época, as suas habitações com os verdes ramos do sempre verde azevinho... Deixemos-lhes trocarem prendas de doçarias e cartões alusivos e vistosos, embora tenhamos importado a *Árvore do Natal*, alegria da criança e os *sapatinhos no fogão*, recipientes modestos para as dádivas do Menino Jesus...

Saibamos conservar, porém, os nossos *Presépios* ingênuos e encantadores... Vejamos-los... desde esse que, a um canto da velha Sé de Lisboa, brilha pela excelência da forma, obra magistral do nosso Machado de Castro, até àquêles que, pelas províncias adentro, extasiavam os olhos dos pequeninos, comovendo o coração dos velhos...

O Menino Jesus, obra aprimorada de escultor insigne ou de um tóso imaginário... é sempre róseo, gordinho, nú... Aceita, sorrindo, oferendas de reis e de pastores, e do seu berço, deitadinho em palha, com a mãozinha rechonchuda, deixa cair a benção confortadora sôbre os que o adoram.

Presépios de Portugal, que lindos sois! E a nossa consoada? Conciliador costume dos tempos de antanho, saibamos cultivá-lo



Dêle transcrevo algumas quadras chistosas e soltas:

— Em torno ao fogo os meninos
Da paróquia arrebanhados
Dançaram, cantando hinos
Pelo Natal costumados. —

A espaços, a brasa viva
À sacra pyra roubada
Nos dará salva festiva
Por grosso mato estourada...

Rapa, Deixa, Põe ou Tira
Géram empenhos mais sérios
Que se ali se discutira
Sorte de grandes impérios.

O rebanho galhofeiro
Faz mais gralhada e ruído
Que cem pobres num palheiro
Depois de terem comido...

Ricos, vários, mesmo novos
Em formas, gostos e cores
De amendoa, de fruta, de óvos
Vem do coívento os primores...

E por esse Portugal fóra é sempre assim, cheia de relevo e côr a comemoração do nascimento de Cristo.

Saibamos pois guardar como um tesouro a tradição formosa do Natal da nossa terra, defendê-la, acatá-la como uma das belas coisas que ainda nos resta da passada riqueza... e unamos as nossas vozes fervorosas, cantando as palavras angélicas que há vinte séculos soaram, glorificando o nascimento dêsse Menino, ruína do paganismo, edificador divino da religião cristã.

Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade!
Dezembro de 1927.

MARIA DO CARMO PEIXOTO.

ALEXANDRE HERCULANO

Acaba de aparecer a
27.^a edição do

EURICO
O PRESBYTERO

COM DOIS APENDICES

Edição das
LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

SEGUNDO, o parecer de Oscar Wilde e da maioria dos literatos dignos dêsse nome, a noção artística e literária cria primeiramente a sua realidade.

Assim como a terra napolitana nos aparece através dos seus bilhetes postais e das suas *vedute* inundada pela claridade límpida do seu céu perenemente azul, — assim o Japão, êsse país de inverosímeis tradições, e em que os mais pequenos nada nos interessam e tornam curiosos, — nos aparece com os olhos fitos no Ocidente, profundamente penetrado pela sua Arte, pelo ceremonial da sua sociedade e até dos requebros por que patenteia o Amôr.

Em presença de maravilhas sôbre maravilhas, — produto da liberdade usufruída pelas heróicas dos filmes, — a mulher japonesa rompeu com a couraça de milhares de anos de preconceitos, aprendendo a movimentar os membros à europeia, pondo o corpo em função com os recursos do ocidente, e viu, porventura instintivamente, que os olhos não servem apenas para *ver*, mas também para examinar. Os olhos meigos da japonesa eram um inexcrutável oceano inacessível a todo o exame; — hoje tornaram-se no reflexo das variegadas imagens do mundo, encontrando nela o mais equânime acolhimento. Assenta-se no *hall* do «Hotel Império», de Tóquio, ao lado da sociedade americano-europeia, com a indiferença de uma *habituée* de S. Sebastian, Nice ou Cairo, — semblante convencionalmente branqueado, ostentando nas pernas as meias mais modernas e o calçado luxuoso dos mais requintados modelos europeus. Caminha acariciando as ancas e — pasme-se! — no passo vigoroso de uma «girl» *pur sang*! Joga o «tenis» de manhã ou cavalga, e — o que é incrível! — no estilo dos cavaleiros, empareilhando nos seus grupos, cumprimenta as amigas, apresenta a mão ao beijo dos cavalheiros, arrasta uma cadeira e assenta-se com a perna cruzada, fuma um cigarro (— coisa pavorosa! —), galanteia com os olhos, ri, arrufa-se, arrebeica-se, em suma: arremessou para longe a máscara amarela.

Sorvendo a cultura estrangeira, a mulher japonesa deixou entrar pela janela nos seus olhos brandos o rosalar que lhe empolgou o coração



de mulher. Um fenómeno digno de nota é que a primeira frase estrangeira que se lhe fixa na mente e sai dos seus lábios purpúreos é — I love you! (amo-vos).

Os filmes americanos fizeram o inverosímil: introduziram no país a carícia traduzida pelo beijo, — blandícia ali incôgnita e quasi impraticável no Japão do passado. Os namorados assentavam-se ao lado um do outro, silenciosos, com as mãos em contacto, fitando-se mutuamente, quantas vezes êle de mangas arregaçadas, tais como trazia durante o dia, longe dos olhos da sua amada.

A mulher japonesa aprendeu com os ocidentais, — ainda por meio do filme, — que não só não é censurável, mas que é romântico, gracejar com o marido, fazendo uma diversão com um estrangeiro, sendo-lhe permitido, até, — como a uma *accomplished Lady*, — manejar o revólver em determinadas circunstâncias. A *Folha do Boulevard*, periódico americano, ostenta na primeira página o que há de mais extraordinário. Assim, em casa ilustre, onde se reinia a melhor sociedade, uma esposa matou a tiro o marido, americano, e deu a morte à rival, partindo-lhe na cabeça uma garrafa de *champagne*.

Nas praias faz-se a vida pelo mais fiel modelo americano, com a desenvoltura das suas «beauty parades» e «Venus contests», mas com o «two-piece bathing suits», em lugar da velha nudez e promiscuidade dos sexos. Numa palavra: Dois factores estrangeiros dominam a moderna vida japonesa: O filme americano e o missionário inglês, ou, melhor, o que êstes representam.

C. DE G.

O GRAMOFONE DA MODA

É

O PORTATIL DE LUXO

"HIS MASTER'S VOICE"

SUPERIOR A TODOS EM SONORIDADE

SUPERIOR A TODOS EM CONSTRUÇÃO

SUPERIOR A TODOS EM ELEGANCIA

AGENTES GERAIS:

BAZAR DO PORTO

LISBOA — R. AUGUSTA, 150-152

PORTO — R. S. CATARINA, 192-198



His Masters Voice

ELEGANCIA E BOM GOSTO





O Natal é o tempo da alegria, e, onde há felicidade, deve haver um Kodak para a recordar. Ofereça um Kodak ao seu ente mais querido, no próximo Natal, e assim ele tirará fotografias, outras tantas recordações da sua felicidade. Um Kodak recordará para sempre os seus felizes momentos.

Natal: o tempo proprio para dar um Kodak

Peça ao mais proximo Revendedor fotografico que lhe apresente os ultimos modelos.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.



Para V. Ex.^a ficar magnificamente servida, deve exigir sempre os relógios da marca

ZENITH

CABELEIREIRO TELEFONE 762
DA MODA TRINDADE

J. M. Barros d'Oliveira

Especialidade em Toupetts de Arte rica enigma, Postiços em cabelo em todos os géneros, Ondulação MARCEL, Cortes de cabelo, Aplicações de Tinturas, Massagens, Manucure, Perfumarias e diversos artigos, Mis-sam-pli Representante e Depositário da Tintura instantanea HENNERINE

SALÃO PARADIS
CHAPEUS DE SENHORA

Direção técnica de
MARIA AMELIA FERREIRA DA SILVA
EX-PRÉMIÈRE DO MIMOSO

Criações próprias — Trabalho perfeito pelo sistema francês — Copias de modelos parisienses em todos os estilos — Arte, Suplesse, Elegancia — ESPECIALIDADE: Chapéus de luto, soirée e, scena

Rua da Glória, 95, 2.º — LISBOA
Telefone: Norte 5898

Minha Senhora...

Se o seu abafço necessita ser modificado, não esqueça a nossa casa

AU RENARD ARGENTÉ
Rua S. Nicolau, 13, 3.º

CABELEIREIRO
DE SENHORAS

R. Garrett, 74, 2.º, Esq.

Telefone Central 299

TRABALHO GARANTIDO

Corte de cabelo	3.000
Lavagem de cabeça e secagem electrica	3.000
Ondulação	6.000
Manucure	4.000

Tratamento e CURA dos CALOS pelos RAIOS VIOLETAS

A "VOGA" DIZ-LHE:

USE CALÇADO "ELITE"

— A SUA SUPREMA ELEGANCIA É INCOMPARAVEL —

OS MAIS PRECIOSOS MODELOS, QUE SEMELHAM JOIAS

Em qualquer ponto de Portugal, peça-o ao seu fornecedor, e nas

SAPATARIA PARIS

Rua do Ouro, 270 — Telef. N. 3417

SAPATARIA FELIX

Rua Augusta, 283 — Telef. N. 2908

NOVA SAPATARIA DA MODA

Rua Augusta, 108

Telef. C. 1444

SAPATARIA UNIVERSO

Rua de Santa Justa, 52

Telefone N. 5067



PIANOS

AUTOPIANOS

ORGÃOS

GRAMOFONES

E DISCOS

As melhores marcas

Os melhores preços

SASSETTI & C.^a

54, 58, Rua do Carmo

— LISBOA —



Felino gris e penas no mesmo tom
Foto H. Manuel



Chapéu de felino bege com aplicações ocre e las lanhas
Foto M. Freves



Felino azul marinho apli caças de couro
Foto H. Manuel



Cloche de felino em dois tons de azul enfeite de prata
Foto H. Manuel



Vestido em lã, sem um péso, com aplicação de ocre e las lanhas
Foto H. Manuel



Vestido de veludo de fantasia lã e espi-ros em rajetas
Foto H. Manuel



Felino bege pequena pluma no mesmo tom
Foto H. Manuel



Vestido de lã, sem um péso, com aplicação de ocre e las lanhas
Foto H. Manuel

Vestido em lã, sem um péso, com aplicação de ocre e las lanhas
Foto H. Manuel



MODELOS NACIONAIS
Sapato veau mont se lin do modelo de sapataria GARRETT
Vestido em lã, sem um péso, com aplicação de ocre e las lanhas
Modelo de casa GRANDÉLA
Umbonito Modelo da casa COIMBRA



Casaca angora azul em amarelo de esvação
Foto M. Freves

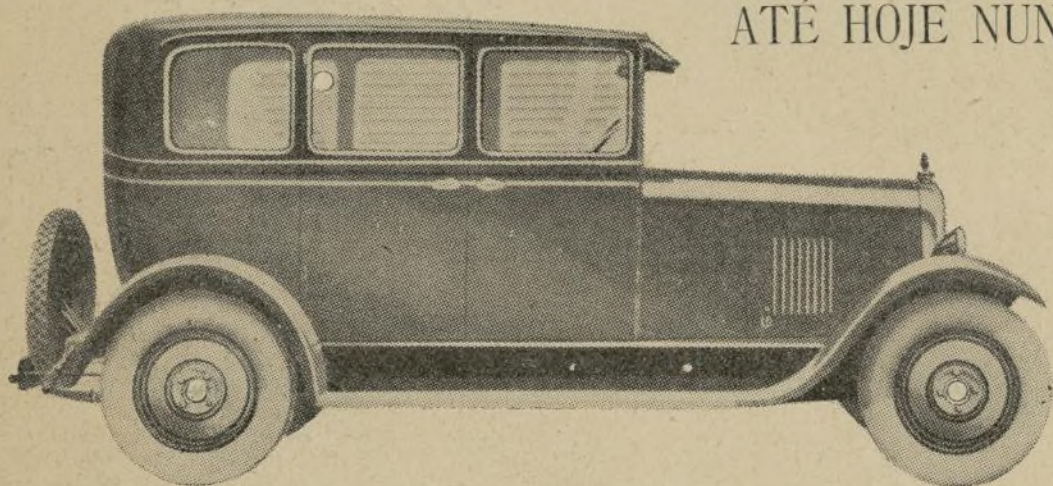


Capa veludo de fantasia e peles
Foto M. Freves

O GRANDE ÊXITO DOS AUTOMÓVEIS

CITROËN

É DEVIDO A VÁRIOS FACTORES QUE OS COLOCAM EM UM PLANO DE SUPERIORIDADE
ATÉ HOJE NUNCA ATINGIDO POR NENHUMA MARCA



A CONDUITE INTERIOR

(Modelo 1928)

Esc. 26.500\$00

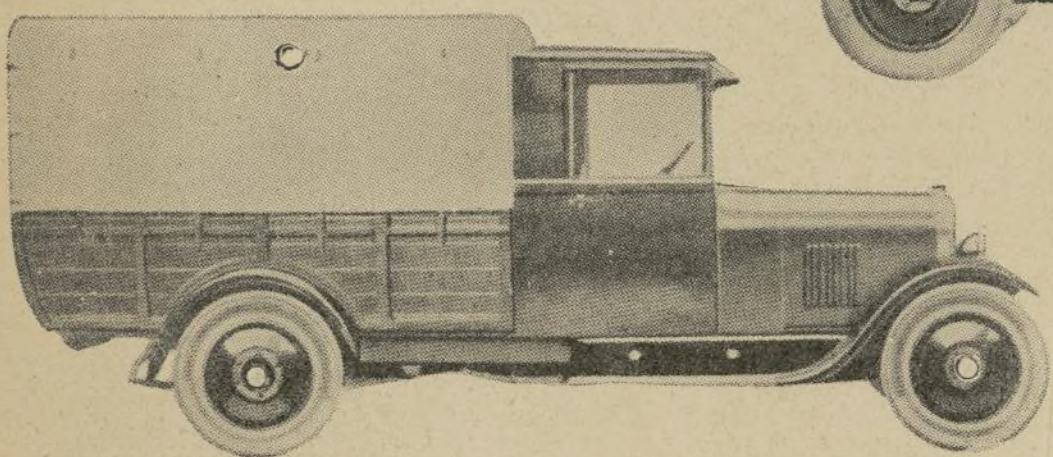
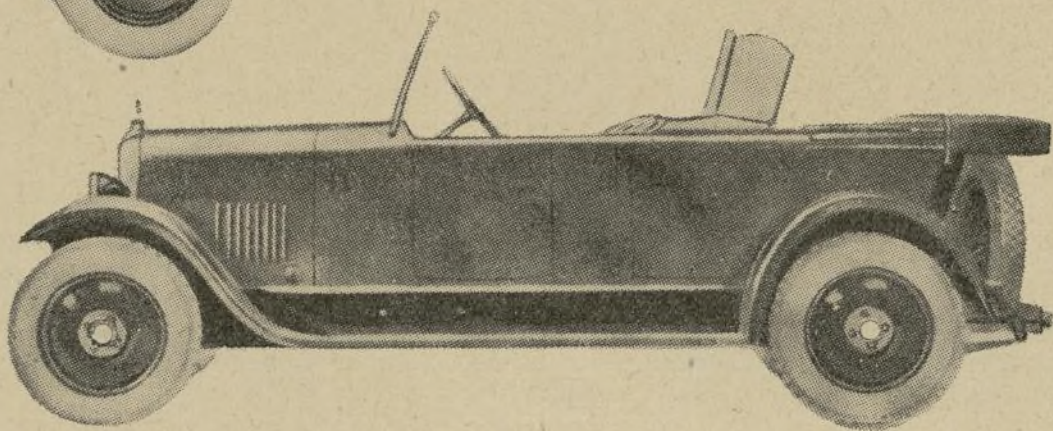
Já pelo seu preço, já pela elegância das suas linhas e ainda pelo magnifico chassis sobre que assenta, onde não faltam os maiores aperfeiçoamentos, é o carro destinado aos conhecedores de bom gosto.

O TORPEDO DE LUXO

(Modelo 1928)

Esc. 22.500\$00

Distingue-se de todos quantos existem no mercado.



CAMIONETA para 1 tonelada

COMPLETAMENTE CARROÇADA

Esc. 22.500\$00

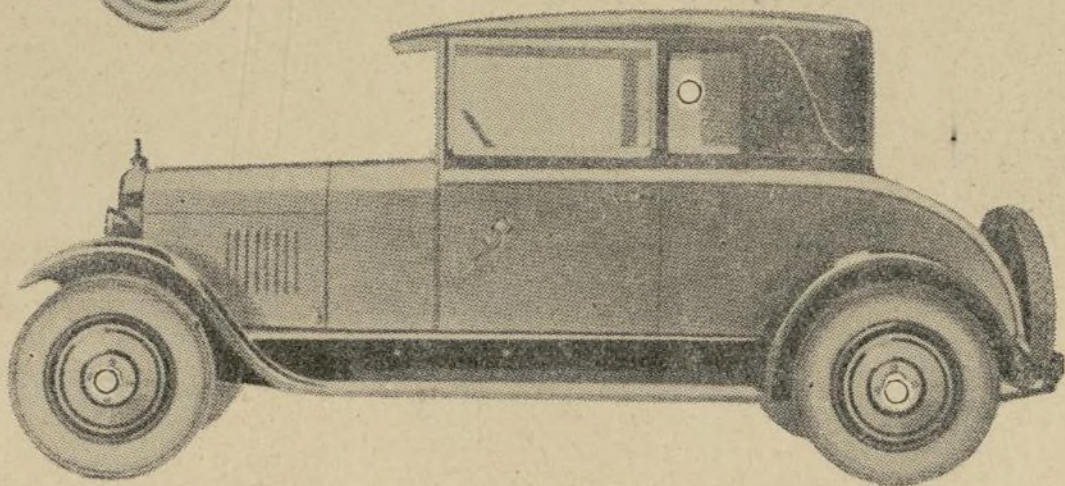
Tem aperfeiçoamentos que nem mesmo muitos carros de turismo possuem.

CABRIOLET

4 LUGARES, CAPOTA FIXA

Esc. 25.500\$00

Carro duma extraordinaria elegancia e requintado bom gosto.



Todos os nossos modelos são fornecidos com 5 rodas calçadas, travão ás 4 rodas por servo-freio, molas inteiras, dando uma soberba suspensão, purificador de óleo, ar e gasolina, relógio, conta-quilómetros, indicador de velocidade, etc., etc. — Em depósito, grande «stock» de peças soltas, para todos os modelos.

ALÉM DOS MODELOS ACIMA, TEMOS MAIS 19 TIPOS DE CARROSSERIES

Recomendamos a todos os interessados examinareem os modelos em exposição no nosso Stand

PEDIR CATALOGOS
E INFORMAÇÕES A:

AUTOMOVEIS CITROËN S. A. P. R., L.^{DA}

46, AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

CARTA DE PARIS BRINQUEDOS

Paris, Dezembro, 6.

Minha querida:

É hoje dia de S. Nicolau... O meu pensamento voa para bem longe, para os tempos passados quando tu, ainda criança, acreditavas nas lindas lendas.

No dia 6 de Dezembro uma habitual reunião de crianças enchia a casa de gritos alegres e de risos barulhentos.

Annette, a nossa boa velha criada encontrava o meio de fazer, com bem poucos elementos, um pai Natal aceitável, com uma longa barba, um casaco branco listado e boné pontagudo. A alfofa, de grandes dimensões, continha brinquedos e doces, lembraste?

A palmatoria não era esquecida, e as crianças, que tinham alguma maldade a morder-lhes a sua consciência, fitavam-na ansiosamente. E eu, lembro-me ainda do teu ar desdenhoso quando, entre tantos presentes, descobrias aquêlê instrumento de castigo.

Este ano um dos nossos grandes «Magazines»



teve a feliz ideia de mandar construir um diorama para as crianças.

Sobre o seu maravilhoso «terrace» donde se vê todo Paris, é um desfile perpétuo.

O pai Natal aceita as encomendas dos brinquedos e expede-as em seguida para o céu, a fim de serem entregues imediatamente.

Tu calculas o partido que tiras desta linda história e a admiração que ela suscita entre os pequeninos.

Ouvi ontem tão engraçadas reflexões, risos e gritos de admiração tão espontâneos, que por muito tempo ainda eu guardarei esta visão de felicidade de todas as crianças.

Eles estão neste mês no seu reino. Dezembro, sobrecarregado e desagradável para os



grandes, deve-lhes parecer, aos pequeninos, um conto de fadas.

Diligencia-se, de ano para ano, encontrar os mais belos bonecos, as invenções mais reputadas, as «trouvailles» melhor imaginadas para deslumbrar e distrair as crianças.

Envio-te umas ligeiras fotografias das lindas

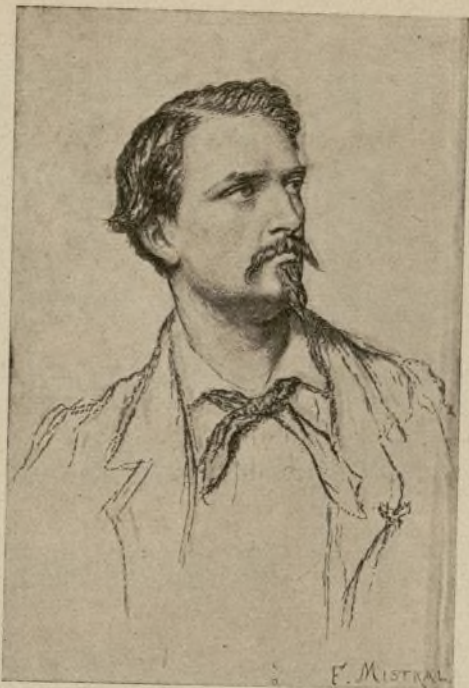
A «VOGA» aconselha as suas leitoras a usarem

CALÇADO «ELITE»

coisas expostas para tu admirares, como eu, o engenho notável da nossa indústria de brinquedos.

Até breve, querida sobrinha: que eu tenha notícias tuas e, entretanto, os mais afectuosos beijos da tua tia

NUELMÁ.



CANÇÃO OS CHAPEUS DE "MISS" FRANÇA DE MAGALI

DO POEMA

“MIREILLE,”

POR

FREDERICO MISTRAL

Oh Magali, oh minha bem amada! — Assoma à tua janela — e vem ouvir por um pouco esta alvorada — de violinos e tambores!

— Lá no alto, cheio está de estrelas o firmamento. — Calou-se a ventania, — mas as estrelas empalidecerão — quando te virem.

— Tanto se me dá da tua alvorada — como do murmúrio dos ramos! — Vou mas é para o mar dourado — fazer-me enguia das rochas.

— Oh Magali, se te tornares — peixinho do mar, — eu pescador me farei, — pescar-te-hei!

— Pois se pescador te fizeres — quando botares as tuas rédes — em avesinha me transformarei — e para as charnecas hei-de voar.

— Oh Magali, se tu te fazes — avesinha do ar — eu, caçador me farei — caçar-te-hei.

— As perdizes, aos passarinhos — se fôres estender armadilhas — em erva florida me hei-de tornar — e nos largos prados me irei esconder.

— Oh Magali, se tu te fazes — um malmequer, — eu água limpida me farei, — regar-te-hei!

— Se tu em água limpida te fazes, — eu grande nuvem me farei — prontamente irei assim — para a America, lá longe, muito longe!

— Oh Magali, se tu te fôres — para as Índias longínquas — eu vento do mar me farei — levar-te-hei!

— Se vento marinho te fizeres — para outro lado fugirei; — baforada ardente me tornarei — do alto sol que funde os gelos!

— Oh Magali, se em raio do sol te tornares — eu, verde lagarto me farei — beber-te-hei!

— Se tu salamandra te fizeres, — a salamandra que se esconde nas sarças — eu, me tornarei a lua cheia — que alumia de noite as feiteiras!

— Oh Magali, se te fizeres — a serena lua — eu em bruma me tornarei — envolver-te-hei!

— Mas se a bruma me envolver — nem por isso me terás; — eu, bela rosa virginal, — nas moitas irei desabrochar!

— Oh Magali, se te fizeres — a rosa bela — eu borboleta me farei, — beijar-te-hei!

— Vá, prossegue, corre, corre!... — jámais, jámais tu me alcançarás! — Da casca dum grande sobreiro — me hei-de vestir na floresta sombria.

— Oh Magali se tu te fizeres — árvore dos cerros escavados — eu em hera trepadeira me tornarei — abraçar-te-hei!

— Se tu nos braços me queres estreitar, — mais do que um velho carvalho não abraçarás. — Branca freirinha me vou fazer — do mosteiro do grande São Braz!

— Oh! Magali, se te fizeres — branca freirinha — eu teu confessor me farei, — ouvir-te-hei!

— Pois se do convento as portas transpuzeres — todas as freiras verás — em torno de mim errantes — porque na mortalha me encontrarás!

— Oh Magali, se te fizeres — saudosa morta, — então eu em terra me tornarei — comigo te guardarei!

— Agora começo a acreditar — que não é com zombaria que tu me falas! — Eis o meu anel de vidro — toma-o como recordação, meu belo moço!

— Oh Magali quanta alegria me deste!... — Mas, desde que te viram, — ó Magali contempla as estrelas — como elas empalideceram!

(Versão do provençal por Ariel)

MISS France!

As «misses» de beleza que foram a Galveston concorrer, mereceram sempre de todos uma crítica severa. Uma das mais discutidas foi «Miss» França, com a sua linha esguia e delicada, com os seus gestos elegantes de modelo de casa de modas.

«Miss» França voltou do concurso novamente para essa casa de modas. Temos hoje o prazer de dar às nossas leitoras os seus dois últimos retratos, um de frente e outro de perfil, onde mais uma vez se pode verificar se os apaixonados ou detractores tinham razão.

Reparem-lhe nos olhos.

Há nêles uma íntima e indizível tristeza, talvez a tristeza de não ter vencido. O mesmo ric-tus melancólico se lhe encontra na boca.

É bonita? É feia? As leitoras decidirão, agora que ficam possuindo dois dos seus retratos, o que constituía, há alguns meses, o empenho ardente de todas as senhoras que se sentiam, instintivamente, rivais das «misses» do concurso...

Todas as belezas são como as estrelas: não



se ofuscam umas às outras, e «Miss» França ficou sendo sempre uma linda e elegante concorrente.

Hoje aparece-nos «Miss» França sempre enigmática e triste, com dois lindos modelos da casa Jeanne Lyris.

Um em feltro preto com incrustações «taupé» no mesmo tom. Um pequenino véu muito transparente e sóbrio torna-lhe os olhos profundos e lânguidos, com um encanto longínquo dum desgosto íntimo, duma pena recente.

O outro modelo em «taupé tuile» com plumas



de fantasia, deixa absolutamente em foco o seu perfil regular e fino.

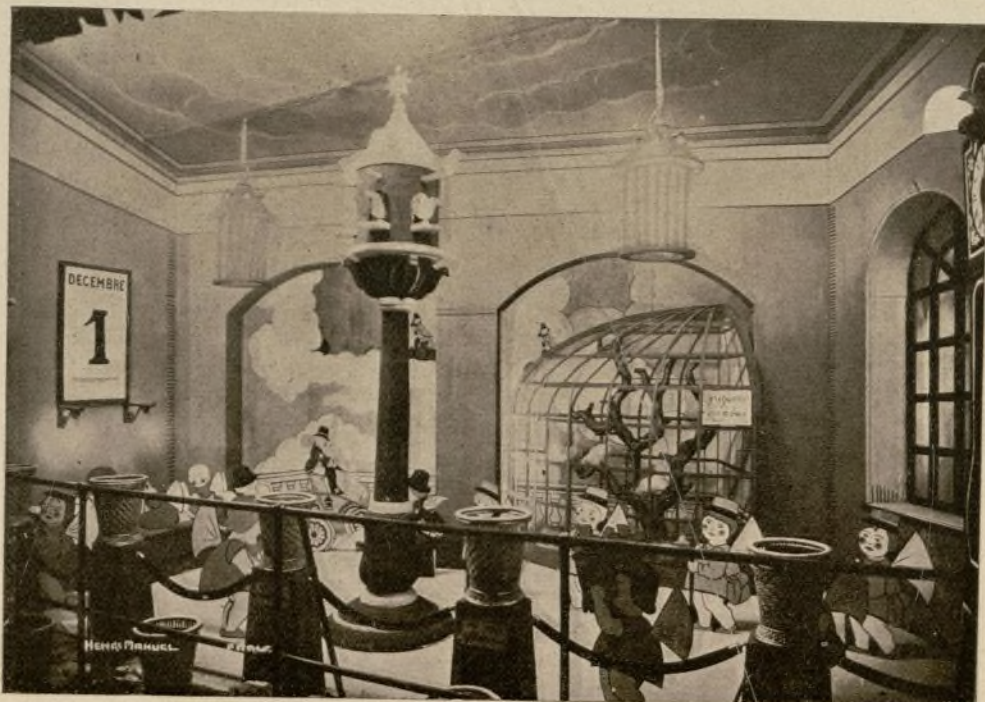
As nossas leitoras que achem lindos os chapéus usados por «Miss» França e que se sintam igualmente belas, devem executar estes modelos, que tão bem dizem com o aspecto grave e sério desta beleza parisiense.

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º



Agora estou na minha casa de madeira. serviu-me pilaf com grão de bico e kébad Jantei só, à turca. O meu caikdji Osman em rissóis. É noite. Encostado à janela, procuro distinguir entre a fila longínqua das luzes de Canlidja, a luz dos Falkland. A direita e à esquerda, as casas turcas convizinhas da minha, silenciosas e como desertas até ao pôr do sol, animam-se agora em alegre chalarada. Levantaram-se as gelosias dos sahnichires. E vagamente, à claridade baça das estrelas, entrevejo formas brancas reclinadas, oigo murmúrios e risos.

Mandei vir o meu caïque às dez horas, dez horas à franca. Aborreço-me bastante ter de atravessar a água e ir além, àquele palácio que faz barulho com a sua electricidade berrante... Barulho, sim: aquela iluminação crua, na doçura nocturna do Bósforo apenas pontuado de lâmpadas e de lanternas pálidas como as estrelas, fere-me igualmente os ouvidos e os olhos. Sim; mas tenho que ir ao baile. Lady Falkland deve lá estar, como no sábado passado. E saberei se é realmente na segunda-feira que daremos o nosso passeio turco. Dez horas... Esperemos ainda algum tempo.

Duas horas da manhã

Volto de além. Sinto a cabeça pesada e as fontes bater. Cheguei tarde ao baile. Já se não dançava. O terraço encontrava-se vazio. A fres-

AS MEIAS de LINHO
PRINTemps
rão de qualidade
— GARANTIDA —
Venda exclusiva
AUPRINTemps, R. Leno 56-L/BOA

cura húmida da noite afugentara as espáduas nuas. Muitas mulheres já haviam saído. As Kolouri e outras... Mas encontrei no hall sir Archibald e Cernuwicz a beber, sentados a uma mesa, sós.

Cernuwicz viu-me de longe:

— Oh! o marquês!... Admirável!... Marquês, venha beber connosco. Aproximei-me para me escusar sob qualquer pretexto. Mas estavam ambos bêbedos, e tão ruídosamente insistiram que tive de sentar-me. Havia sobre a mesa quatro garrafas vazias, Falkland chamava o criado e ordenava:

— Heidsieck monopole, vermelho.

Cernuwicz protestou.

— Archibald! Por favor!... O seu Heidsieck é horrível. O marquês é Francês, Archibald. Deixe-me tratar disto!... Rapaz! Pommery Greno, brut.

Conciliante, o homem trouxe as duas garrafas. Tive de tomar uma taça de cada uma. O resto beberam eles. Pediram notícias de Lady Falkland, — e de lady Edith. Menos senhor de si do que em jejum, o baronete carregou o sobrecenho, sem responder. O príncipe, pelo contrário, mais prolixo que nunca, explicou-me que uma deplorável enxaqueca retivera «at home» a jovem e a senhora. Mas não se sabia ao certo qual era a doente e qual a enfermeira. Sobre este assunto «o velho amigo» recusava qualquer informação, por não acreditar nas enxaquecas femininas, considerando-as simples comédias ou artifícios:

— Não é nervoso, não percebe nada de mulheres. A verdade é esta. «Old» Archie, você não percebe nada...

— Stanie!...

Crispou-lhe no olhar um relâmpago instantâneo. O polaco, flexível como uma luva, desatava a rir e falava de outra coisa. Lançava-se na crónica escandalosa. Em cinco minutos informou-me com pormenores, de todos os concubínatos ilegítimos da semana. Com um tacto verdadeiramente slavo, não poupou nem a mi-

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

nha embaixada nem a sua. Se estivesse em seu juízo, eu fá-lo-ia calar. Mas, que se há de dizer a um bêbedo? Podia eu ao menos escutá-lo sem escrúpulo. E às vezes chegava a ter graça:

— Você reparou, Archie, no novo colar de madama Nidjni? Não? O senhor viu-o, marquês? Como uma meada de pequenas pérolas... bonito, não é? Ela disse-lhe quem lho deu? Não? É o senhor o único. Ela diz a toda a gente que foi o Vanescosinho, o rumeno. É verdade. Porque foi ela quem... como devo dizer? inaugurou Vanesco. Então o pequeno, que tem apenas desassete anos e não é bem educado, deu-lhe as pérolas, como o senhor as daria a uma fêmea qualquer. Mas ela achou muito bem, e mostra o colar por toda a parte, dizendo que Vanesco lhe devia uma discreção. Hein? Uma discreção... indiscreta!

E ri furiosamente, encantado com o seu chiste final. E logo, sem tomar fôlego:

— Uma coisa inteiramente cômica! Há três dias, Donietz, o russo, estava com a mulher na sua «vila», em Buyukderé. Como sabe, são recém-casados e adoram-se. Era meia-noite, estavam em pijama e em camisa. Ora sucedeu terem em casa um vodka novo. Beberam e emborracharam-se. Madama Donietz, de súbito, lembra-se de afirmar que vodka não era vodka, era whisky, — irish. Está claro, era vodka. Donietz a princípio ri. Mas como ela se obstina, ele zanga-se e pega no chicote dos cães. Ela defende-se, arranha-o, parte-lhe uma garrafa nos queixos, deixando-o marcado. Mas com o chicote, ele é o mais forte e açoita-a. Ela salta pela janela. Ele persegue-a através do parque; uma caçada a galope! Ela ululava, e tinha listrões de sangue na camisa. Enfim, encontra a grade aberta, mete pela estrada a todo o galope e vai refugiar-se num botequim onde uma

dúzia de velhos barbaças turcos ainda estavam a fumar o seu cachimbo e a beber a última chávena de café. Donietz precipita-se sobre ela, agarra-a pelos cabelos, atira-a ao chão e sova-a. O pior é que os Turcos, como se sabe, não gostam que se bata em mulheres. Pelo quê, saltaram sobre Donietz, arrancaram-lhe das unhas a desgraçada e moeram-no com pancadas. E quando chegou a polícia, Donietz estava em estado quasi tão lastimoso como a mulher. Foram pô-los em casa. Mas o mais engraçado é que, no dia seguinte, nem um nem outro se lembravam absolutamente de nada!

Falkland solta uma risada curta. E logo:

— Rapaz! Heidsieck monopole, vermelho.

— Archibald, isso é uma obsessão. Rapaz! Pommery Greno, brut.

Obrigam-me a beber. Vejo-lhes chamas nos olhos; os gestos vão-se-lhes tornando febris. Cernuwicz encara-me agora demoradamente, com um aspecto, de súbito, feroz:

— Mas... sabe, senhor coronel, Donietz é um homem. Não é polaco, não sabe montar: é uma questão de raça, não admira. Mas a pé, é terrível. E brevemente vamos nomeá-lo cônsul na Macedónia, em Mitrovitz!

Caramba! Se os cônsules russos que para lá mandam são todos desta ténpera, já não me espanta que os albaneses, menos pacientes que os Turcos, lhes rachem a cabeça de vez em quando.

Acaso eu sorri? Não creio. Seria imprudente. Cernuwicz, bêbedo-furioso, com certeza se me atirava às gúelhas... Não, já não há perigo; o acesso passou. Aqui o tenho eu agora, sem transição, rindo a bandeiras despregadas. Bate com toda a força sobre a mesa; as taças desabam.

— Oh! marquês! Eu vi-o, não diga que não.

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para diminuir os SEIOS GRANDES use FILOCOL n.º 3. Preço do n.º 1 ou do n.º 2, 25\$00 esc.; pelo correio, ocutlo, 26\$00. Preço do n.º 3, 40\$00 esc.; pelo correio, 42\$00. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente. Combatem a obesidade. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25\$00 esc., pelo correio 26\$00.

Estes produtos, não prejudicando nada o organismo, teem feito a felicidade de muitas meninas e senhoras.

LABORATORIO ORCEL. Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA; e FARMACIA LUSO-BRITANICA — FUNCHAL.

O senhor dorme com as jovens Kolouri. Não diga que não!

Eu digo que não, peremptoriamente, contando, todavia, com o pior. Mas nada: ele endireita-se, solene, e estende para mim a mão por cima da vidraria despedaçada:

— O senhor é um cavalheiro. Nunca deve confessar. Não o digo pelas Kolouri: essas não teem importância; não passam dumas badanas. Mas a respeito de qualquer mulher. Aqui há muitos homens gabarolas. Olhe, Karipoulo... conhece Karipoulo? Tem de ordenado, na Divisão, novecentas libras turcas. Pois bem, ontem encontro-o na Rua Grande de Pêra, e pergunto-lhe: «Karipoulo, com quem dormiu você esta semana?» Ele sorri, começa com expressões vagas, faz um grande gesto para que os transeuntes parem, e só então responde com toda a sua voz: «Príncipe, não se pode ter segredos para você. A semana passada foi com madama Bariteri; mas só encontrei os restos dos soldados turcos; por isso, esta semana escolhi madama Papazian. Disponho delas todas.» Eis o que ele diz. Mas sabe? Não dispõe de nenhuma. Gaba-se. É Grego. Rapaz: Pommery Greno, brut!

Incidente: o gerente, indicando um cartaz, informa que a cave do hotel fecha à uma hora.

— Hein? Que dizes?

— Excelência, a cave...

— Cachorro! Suino!

Insulta-o furiosamente, misturando nessas invectivas cinco ou seis línguas. E atira-lhe à cara, com toda a força, uma garrafa vazia. A garrafa não atinge o alvo e vai derrubar duas lâmpadas do lustre. Cernuwicz perde o equilíbrio e cai sobre a cadeira. Mastiga as últimas injúrias:

— Judeu! Arménio!

E voltando-se para mim, calmo:

— Eu conchego-o a este... É irmão do meu

Um vestido elegante torna-se precioso quando se use

CALÇADO «ELITE»

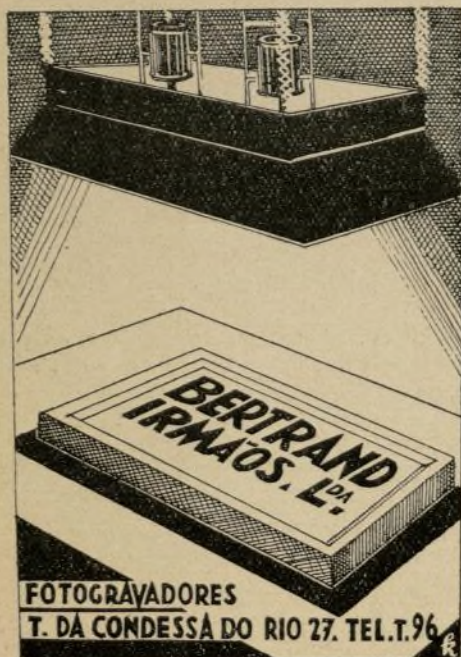
porteiro. Devo-lhe dinheiro, ao meu porteiro: mil libras. Empréstia a quatrocentos por cento. Falkland, que tem ouvido tudo, impassível, insurge-se de repente:

— Stanie, você, um fidalgo, pede dinheiro a um criado?

— Eh! Archie! Que se há de fazer? Todo o dinheiro está nas algibeiras dêles. Eu não sou Arménio, não sei tirá-lo aos Turcos. Também não sou Grego, não sei pedi-lo às mulheres (1).

(1) O príncipe Cernuwicz está bêbedo e o autor deixa-lhe toda a responsabilidade das opiniões injuriosas e temerárias que ele tirou do fundo das suas quatro garrafas de extra-dry

(Continua)



ELA SEGUE PELO CORREIO
COMO ENCOMENDA POSTAL

REMINGTON

LISBOA — R. NOVA DO ALMADA, 109
PORTO — R. Mousinho da Silveira, 73
COIMBRA — R. Ferreira Borges, 119
FARO — R. Direita, 19

A leitora já viu no ultimo MAGAZINE BERTRAND a maneira de aprender a desenhar por um processo prático sem sair de sua casa? Seção especial feminina dedicada às leitoras e assinantes da VOGA.

CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDENCIA



Grafologia

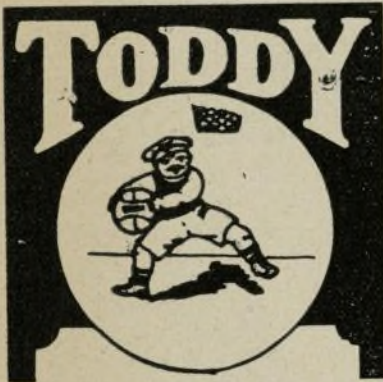
N.º 224 — «Decelitra» — Espírito um pouco copista subordinado às exigências da moda e da actualidade. Os seus defeitos resumem-se em um certo orgulho aliado à vaidade de se saber atraente e dotada de belos dotes físicos. É bondosa e se não fôsse uma certa dissimulação, a sua personalidade seria perfeita. Perdê-me a rudeza destas frases. Sim?

N.º 225 — Viuvinha — Várzea — Sensibilidade e delicadeza. Espírito muito lúcido amando o método, a ordem e harmonia gerais. Sabendo calar só para si os seus desgostos e... alegrias.

N.º 226 — Mely — Cultura de espírito e sequência de ideias. Energia e vontade forte embora facilmente domável quando o seu sentimentalismo, um pouco exagerado, é posto em prova.

N.º 227 — «O cego que não quer ver» — Prudência exagerada, atingindo até aspectos de moleza. Doçura de carácter e imaginação. Exterioridade cuidada. Vaidade e... vá lá a verdade! — uma grande presunção...

N.º 228 — Uma que adora a música — Bondade simples e sincera. Espírito facilmente dominá-



Dá às crianças uma saúde de ferro
É o alimento energético por excelência para
novos e velhos

A venda nas farmácias, drogarias, confeitarias,
mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.^{DA}

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

vel e incapaz de manter-se firme na sua opinião, embora não pense assim. Economia, naturalidade e franqueza.

N.º 229 — Uma Louquinha — Cérebro que profunda em constância e fidelidade. Procurando reconhecer as suas faltas e aperfeiçoar-se. Simplicidade relativa, imaginação... um pouco material.

N.º 230 — Pepino de S. Gregório — Moderação, comedimento e ausência de sentimentalismo. Susceptibilidade dissimulada por atitudes rígidas e frias. Sabendo contudo manter para si os seus pensamentos e decisões.

N.º 231 — Sonhadora — Sequência de ideias e de hábitos. Simplicidade de aspirações, afectividade, romantismo e dificuldade de realização. Nervosismo dissimulado por uma exterioridade fria e rígida mas aparente.

N.º 232 — Sevia — Aparência cuidada sem todavia saber manter as decisões firmes e irrevogáveis. Uma certa parcela de dissimulação resultante da influência do meio ou convivência. Economia relativa mas ocasional. Bondade e sentimentalismo.

N.º 233 — D. Bla. S. Pra. — Lisboa — Temperamento impulsivo, enérgico e imperioso. Vontade mais ruidosa do que forte. Orgulho inofensivo e altruísmo natural.

TÁTA

CHAPELIER EN VOGUE

632

CENTRAL
TELEPHONE



Jogando as cartas

Todos os jogos de cartas requerem boa disposição; a boa disposição requiere conforto e o conforto, durante os longos serões de inverno, não pode existir onde não haja também temperatura agradável



caloríferos da VACUUM

A venda na

Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agências



N.º 234 — Candidal — Método, desejo de agradar, sabendo regular a sua posteridade de maneira a nunca dar a conhecer os seus mais íntimos pensamentos. Elegância e simplicidade atraente.

N.º 235 — Mary — Ideias largas. Espírito um pouco copista sabendo resguardar-se das más influências. Descrição absoluta até acompanhada de uma certa reserva, hoje pouco vulgar.

N.º 236 — Myrto 1.º — (Carta de 17 de Novembro) — Dissimulação e também uma parcela de vaidade pelos seus dotes pessoais. Sentimentalismo natural na sua idade. Verbosidade desnecessária e prejudicial aos seus fins em vista. De resto, ainda que possuidor de um espírito maleável e bondoso, sabe manter a sua palavra.

N.º 237 — Robfior Transmontana — Simplicidade sincera e digna. Espírito facilmente impressionável. Despêndio ocasional, sem todavia atingir a prodigalidade. Uma certa altivez muito pessoal mas bondosa.

N.º 238 — Jámais deixarei de assinar a «Voga» — Cécilia — Força de vontade. Espírito lúcido e progressivo. Génio um pouco irritável. Disciplina mental e reserva conseqüente, sabendo guardar as suas atitudes em harmonia com as suas conveniências.

N.º 239 — Redinha — Personalismo cauteloso e económico sem se furtar às oportunidades que lhe possam dar prazer e bem-estar. Verbosidade, bom humor, mas possuidora de um temperamento impulsivo e de difícil submissão.

N.º 240 — C. C. C. — Mobilidade de instintos, desconhecendo-se a si própria, sem todavia o reconhecer. O seu génio perigoso necessita ser

Três objectos valiosos: Um vestido e um chapéu dos figurinos da «VOGA» e o
CALÇADO «ELITE»

experimentado pelas agruras imprevistas desta vida, antes que possa definir as suas atitudes e característicos. Sentimentalismo, entusiasmo e decisão.

N.º 241 — I. S. C. — Carácter ainda indefinido, aparentando já, contudo, característicos morais de importância tais como a bondade, a economia relativa e a discreção.

N.º 242 — Le Mariage de Chiffon — Intellectualidade. Hábitos de leitura, sabendo assimilar e regular as suas decisões em harmonia com a

sua valorização pessoal. Bondade e dignidade activa mas justa.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.^{mas} consulentes da Voga, reendereçarem estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à Voga, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

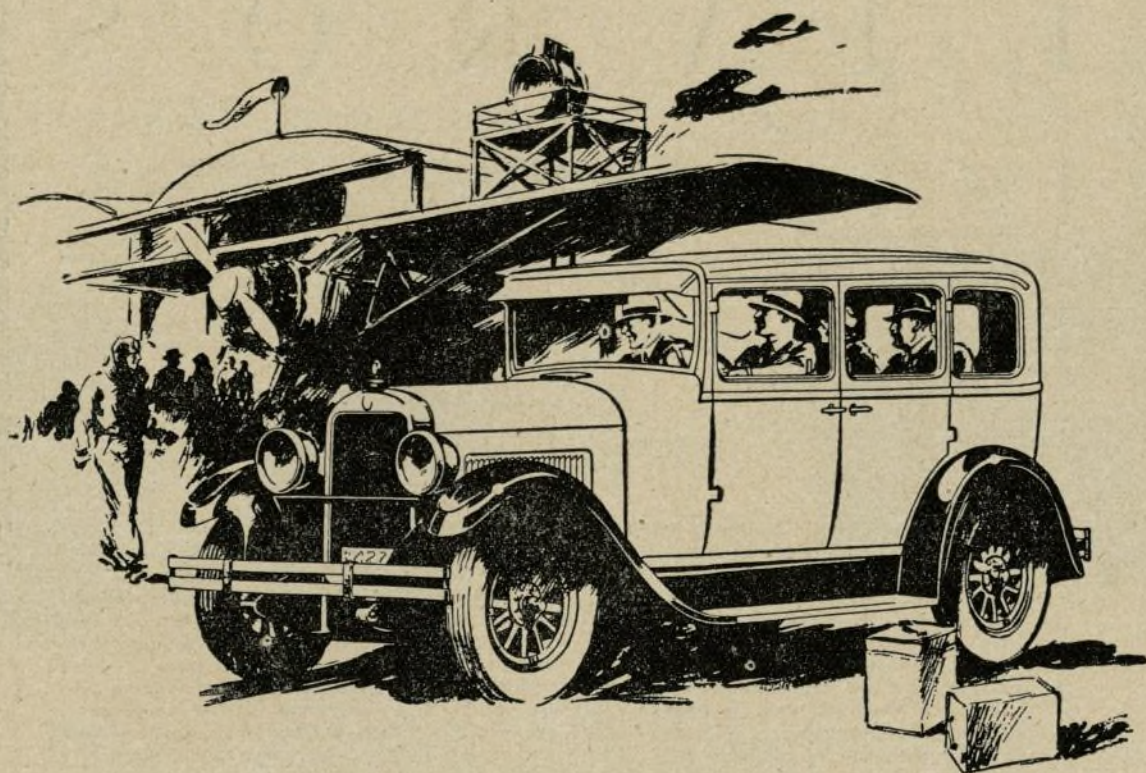
MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.



O NOVO MODELO DE "QUATRO" CILINDROS UM AUXILIAR PRIMOROSO

O novo QUATRO cilindros *DODGE BROTHERS*, não sacrifica a comodidade à belesa nem a economia ao surpreendente funcionamento.

Servindo como nenhum outro carro de quatro cilindros trabalha, no entanto, com uma economia de 20% de gasolina sobre qualquer outro modelo *DODGE BROTHERS*.

Com este NOVO «QUATRO» cilindros, não há, já, necessidade de se gastar muito para se conseguir o máximo conforto, uma aceleração rápida, força e velocidade.

REPRESENTANTES:

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

COISAS UTEIS



Modêlo da casa Joaquim Costa Ltd.ª

QUEREM SABER?...

QUAL É O SANTO PATRONO DA TAQUIGRAFIA?

DEPOIS de, pelos automobilistas católicos de todo o mundo, ter sido adoptado S. Cristóvão, como seu protector e advogado celestial dêsse meio de transporte, após a nossa briosa aviação ter ferverosamente designado Nossa Senhora do Ar como sua padroeira, não deixa de ser curioso indicar quais os santos que pelas várias profissões modernas, tem sido escolhidos para defensores dos seus perigos.

Assim, algumas empregadas taquígrafas, italianas e católicas, acabam de conseguir obter as provas históricas mais evidentes de que o verdadeiro inventor da taquigrafia e primeiro iniciador dessa sciência, foi S. Cassiano.

Verificou-se, dêsse modo, que já no século V da nossa era, a arte de abreviar a escritura era conhecida e que o sistema adoptado consistia numa combinação engenhosa de pontos, círculos e ganchos.

S. Cassiano, inventor dêsse sistema de escritura, chegou mesmo a estabelecer um curso frequentado por um certo número de discípulos, ainda que o fim em vista fôsse o estudo iniciático das verdades cristãs.

Mas a ingratidão de alguns dêsses discípulos foi-lhe fatal e, tendo sido julgado pelos infieis, foi condemnado a ser lynchado pelos seus próprios discípulos, que se apressaram a pôr fim à sua vida, crivando seu corpo com os seus estiletos nos desenhos característicos que o mártir lhes havia ensinado.

Por este motivo S. Cassiano é hoje considerado o patrono das taquígrafas e taquígrafos.

Resta-nos aguardar que, visto a taquigrafia e a dactilografia serem duas artes aliadas, alguma das mais gentis actuais dactilógrafas seja devidamente canonizada, a fim de que, dessa forma, possa um dia vir a ser considerada padroeira das jovens empregadas dessa profissão.

Que... há quem duvide que essa canonização jámais se possa fazer!...

AS PALAVRAS QUILOMÉTRICAS

NUMA época em que toda a felicidade humana parece concentrar-se na vertigem da rapidez e das velocidades progressivas, vale a pena recordar as palavras incommensuráveis, usadas outrora pelos literatos dos tempos distantes, em que os dias pareciam «maiores».

A maior palavra de que há conhecimento no mundo das letras é atribuída a Aristóteles, numa das suas comédias.

Esta palavra conta nada menos de 172 letras e é usada para indicar a lista dos acepipes que constituem uma certa iguaria mencionada na peça.

Como, porém, esta palavra é composta por cerca de 26 termos ordinários, não se poderá considerá-la decididamente a mais longa, tal qual os nomes compostos, vulgarmente usados na lingua alemã, ou os termos usados nas sciências médicas ou químicas.

Em latim, a palavra de maior número de letras será talvez aquela que alguma das nossas gentis leitoras poderá guardar na memória para um serão de jogos de prendas: «Honorificabilitudinitatibus»!

Alguns lemos um dia, que um certo professor português, estava «antiinterdenominacionalisticamente» disposto a apresentar uma tese sobre propriedades químicas do «benzoltetrametilcarbonoacetilperoxifenilcloretoama». Uff!...

Terminamos, certos de que a estas horas a maioria das nossas leitoras já terá clamado, tal qual a geral nos circos, perante as habilidades confrangedoras dos gymnastas:

— Basta! Basta!...

A PROPÓSITO DE LIVROS

COISAS LINDAS



Modêlo da casa Joaquim Costa Ltd.ª

OS EXCITANTES

BEBIDAS ESPIRITUOSAS

A mesma categoria de agentes próprios para abreviar a vida pertencem as bebidas espirituosas, que actuam todas sobre a nossa existência duma maneira funesta. É fogo líquido que fazem beber ao homem, que transforma a vida numa espécie de incêndio. Além disso produzem estragos no sangue, doenças da pele, uma velhice antecipada, a tosse, as afecções do pulmão, a hidropesia, o delírio dos ébrios ou *delirium tremens* e, o que é pior ainda, um terrível embrutecimento físico e moral.

Daqui resulta que, quando estes desgraçados adoeçam, é raro que se possam salvar, porque o seu organismo, habituado aos excitantes violentos, já não é sensível a nada.

Sucede o mesmo com o moral; a sua alma é indiferente à honra ou à vergonha, a tudo o que é grande, bom e belo; só se interessa com a aguardente.

Não se julgue que se escapa ao perigo bebendo só licores doces e fracos ou só tomando cada dia pequenas quantidades. Estes licores, tão lisongeiros do gosto, dirigem-se sobretudo à lingua, no estômago perdem a quantidade de açúcar que velava o seu verdadeiro carácter e deixam aparecer as suas qualidades incendiárias. O pouco que deles se bebe cada dia produz entretanto um certo efeito e, o que é pior, não se fica por aí, a pouco e pouco aumenta-se a dose.

Por outro lado, o que contraiu semelhantes hábitos não deve renunciar a eles bruscamente; mas quando procura deshabituá-los a pouco e pouco, como é fácil voltar-se às doses antigas! Aos que tiverem esta tendência eis o que se recomenda: fazer correr todos os dias 5, 8 ou 10 gotas de cera para o fundo do copo em que beberem a aguardente; dêste modo a quantidade de licor diminui cada dia outras tantas gotas e, a pouco e pouco, sem darem por isso, chegam ao momento em que o copo está cheio de cera e em que a sua porção de álcool está reduzida a zero.

ELEGANCIA E BOM GOSTO

(Descrição dos modêlos da nossa página 10)

N.º 1 — Lindo e elegante vestido emorgette rosa, todo bordado a lantejoulas noutro tom.

N.º 2 — Pijama em setim branco, elegante e cheio de novidade.

N.º 3 — «Manteau» de noite em veludo com raposa branca.

N.º 4 — Vestido de «sport» em flamenga com incrustações de dois tons.

N.º 5 — «Deshabillé» de «mousseline» branca com flores applicadas em veludo preto. Saia de franjas. Conjunto surpreendente.

N.º 6 — Original vestido de «marocain» preto e côr de rosa, bordado de strass.

VEM AÍ O NATAL LEITORAS! — AUXILIEM O MENINO JESUS! OS LIVROS PARA CRIANÇAS GRANDES E PARA GENTE DE : : : PALMO E MEIO : : :

LEITORA: se não sômos indiscretos, quantas vezes a benção de Deus desceu sobre o teu lar cristianíssimo? Quantas vezes o amor que te fez mulher e mãe florir no conchêgo do teu lar, entre faixas de linho e renda e aromas de alfazema? Dentro em pouco o mundo cristão celebrará a glorificação da Maternidade: cantar-se em todos os idiomas o mistério divino de certa e puríssima Virgem galileia que Deus Nosso Senhor escolheu para mãe imaculada do maior amiguinho que até hoje tiveram os pequenitos... E esse lindo e bondoso Deus Menino costuma em noite de Natal descer pelas chaminés e colocar lindas coisas nos sapatinhos que os seus protegidos lá colocaram com o coraçãozinho pulsando doiradas esperanças... Ah, que exaustiva tarefa aquela que se impôs o loiro Menino Deus, uma vez que tantos e tantos milhões de criancitas nêle confiam e esperam!... O Menino Jesus não pode ter tempo para tantas encomendas, leitora: é preciso ajudá-lo... Reúne em redor de ti e do teu amado os pequenitos que Deus te deu e, antes que Jesus desça pela chaminé abaixo colocar os seus brinquedos nos sapatinhos que os inocentes lá puzeram sobre os tijolos do fogão, vai a uma livraria e tem o cuidado prévio de comprar aquilo que por lá te aparecer mais cândido e lindo... É preciso auxiliar o Menino Jesus!...

E tu que pela maternidade ganhaste um título de sacrifício junto de Nosso Senhor, auxiliá-o, que podes, na tarefa carinhosa de premiar os pequenitos. Porque, nem tu calculas as legiões de anjos que o divino Martir utiliza e traz ao seu serviço nessa noite prateada e fria... Sabes tu acaso que nos distantes, nos recuados e benditos tempos do Lago de Tiberiades, o Senhor rodeado de crianças te ordenava fôsses como elas, aliás não entrarias no Paraíso? Pois bem: trata, de com file colaborar na sua faina divina! Procura para os teus

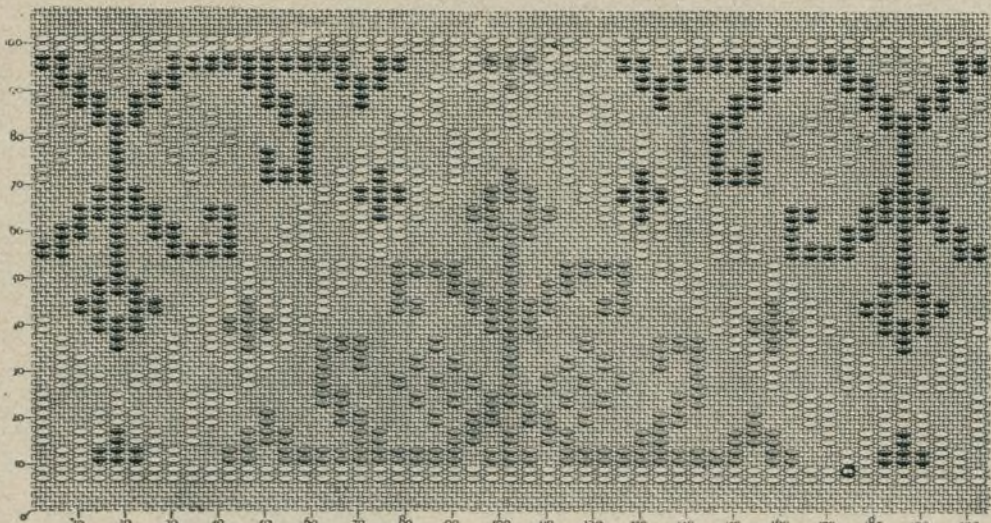
pequenitos as distrações e regalos que à sua idade e à sua pureza convêm. Mas toma cuidado com aquilo que ofereceres a teus filhos! Olha que o Menino Deus mais depressa perdoaria um insulto a Ele do que uma ofensa à pura inocência dos seus numerosos amiguinhos de palmo e meio!...

Não abundam, infelizmente, entre nos os livros para crianças, literatura por demais escassa e difícil: se estivessemos nos frios países do norte, enquanto os ramos de pinheiro, abeto e azevinho, se enfloram de lampadas, lantejoulas e brinquedos, fácil seria a tarefa que te incumbem de auxiliar do Menino Jesus... Entre nós a literatura para gente pequena falha porque ninguém se preocupa com os inocentes... Lá fóra não há um livro para crianças: há milhares e milhares deles com lindas histórias e ilustrações dos melhores e mais requintados artistas: boa maneira de lhes ensinar as tradições, glórias e lendas do seu país na arte dos seus artistas!... Entre nós há pouco, mesmo muito pouco... Mas, alguma coisa há, louvado Deus! Vem aqui à nossa e tua casa: pede o *Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro — um beirão muito grande que sabe escrever para crianças! — pede os *Contos Gregos e Na e no Mar* de António Sérgio que é filósofo e menino; os *Bonecos falantes* de Carlos Selvagem que até se esquece de que é quasi maior para só se lembrar de que, quem tem filhos pequenos, por força lhe ha de cantar... e o *Romance das ilhas encantadas*, de Jaime Cortesão...

Compra os *Animais nossos amigos*, de Afonso Lopes Vieira, o *Bartolomeu marinheiro*, do mesmo poeta e amigo dos pequenitos... E não perdes o teu tempo leitora amiga, porque, enquanto tu beijas amoravelmente o pai, teus filhos se extasiarão com as lindas histórias e os lindos bonecos!...

F. M.

OS NOSSOS BORDADOS



(Modêlos a que nos referimos na página 4)



ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
LISBOA



A graciosa e distinta
actriz, Mademoiselle
Anita Salambó, com
ondulação permanente
executada nesta Aca-
demia



Mademoiselle Laura
Feijó, com ondulação
permanente executada
nesta Academia



D. Elvira Silva, com
ondulação permanente
executada nesta Aca-
demia

Por gentil deferencia de modemoiseles
ANITA SALAMBÓ,
LAURA FEIJÓ
e *A. ELVIRA SILVA*
publicamos as suas respectivas fotogra-
fias com ondulação permanente exe-
cutada na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

CORONA



A MÁQUINA DE ESCRIVER PORTÁTIL

Em côres atraentes que se harmonizam com qualquer mobília
Verde, vermelho, creme, lilaz, castanho e azul

Uma carta escrita numa Corona, num papel com monograma
é considerada elegante e ultra-moderna.

O MAIS PRÁTICO BRINDE DO NATAL

AGENTES GERAES

The Modern Office Ltd.
107, Rua do Alecrim, 109
LISBOA

TELEF. T 66

EVITE SER VULGAR!

PROCURANDO O SEU CALÇADO

NA

SAPATARIA GARRETT

RUA GARRETT, 94

Telefone: Central 3681

MODAS

A CASA GRANDELLA APRE-
SENTA, TODOS OS DIAS, NA
SUA SECÇÃO DE CONFECCÕES
PARA SENHORAS, LUXUOSA-
MENTE AMPLIADA, OS SEUS
MODELOS DAS PRINCIPAES
GRANDES MAISONS DE COU-
TURE DE PARIS

PESSOAL HABILITADO

MODISTAS FRANCEZAS



OS FILHOS DOS NOSSOS ARTISTAS

«Voga» preparou para as suas leitoras esta surpresa de Natal. Algo de inédito. Apresenta-lhes os filhos dos seus artistas mais queridos. Formava-se com esta deliciosa meninada uma linda companhia, não acham?...

Olímpia, a filhinha de Josefina Silva; o sisudo rapaz de Albertina de Oliveira; o patusco do filhito de Vasco Sant'Ana; Argentina, a «senhorinha» de Beatriz de Almeida e o delicioso bebé de Aldina de Sousa



O endiabrado Fernando,
duas vidas: o génio de Adelina
e a sentimentalidade
de Aura, a mãe

As duas «princesi-
nhas» de Berta de
Bivar e Alves da
Cunha, com a filhi-
ta de Eugénia Cou-
tinho, e afilhada de
Luísa Satanela



FIM DE FESTA
O filho de Celeste Leitão
dançando o «Charleston»!
(Clichés da Foto Brasil)

Um amor do Brasil...
A filhinha de Sílvia Vieira
A beleza sábia da menina
de Maria das Neves



A pequenina de Rey
Colaço com o Armando e o
«Turis», os dois inteli-
gentes rapazes de Ilda Stich-
ni... tão inteligentes como
a mãe...

JOAQUIM COSTA, L.^{DA}

MALINHAS E CARTEIRAS
PARA SENHORA

PASTAS E CARTEIRAS
PARA HOMEM

SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES NO GENERO!!

Medalha de OURO na exposição do Porto

Medalha de HONRA na Exposição das Caldas da Rainha

A MAIOR FABRICA DO PAÍS

FABRICA:

Travessa do Fala-Só, 20 (predio todo) **LISBOA**

ESCRITÓRIO:

Rua da Gloria, 21, 2.º—Telef C. 3259

ECONOMISA
2\$00 EM QUILO

Comprando a excelente

MARGARINA "AGUIA"

e protegendo tambem a industria do seu país

Fabrica Nacional de Margarina

Rua dos Correeiros, 152-N. 3438



MEIAS MILANESAS

Última Moda

Pedir em todas as casas de modas

VENDAS por junto na

FÁBRICA DE MALHAS
BOM JESUS—BRAGA

O CALÇADO QUE MARCA!



ANTIGOS FORNECEDORES DA COROÁ



COIMBRA & C.^A, L.^{DA}

RUA DO CARMO, 92, 94

Telefone N. 5087

SAPATARIA

LISBOA

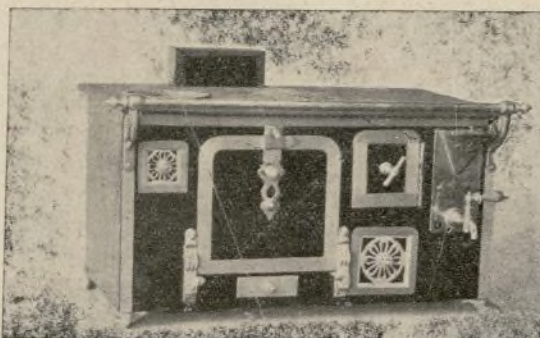
ALBERTO DA SILVA

FABRICANTE de Fogões em todos os géneros, tamanhos e sistemas, com aquecimento para casas de banho, cofres e casas fortes à prova de fogo, garantidas

ESPECIALIDADE EM FOGÕES
PARA HOTEIS

ESCRITÓRIO E OFICINAS

R. ARCO DO BANDEIRA, 129 e 131



Projectos e orçamentos

para todos os trabalhos

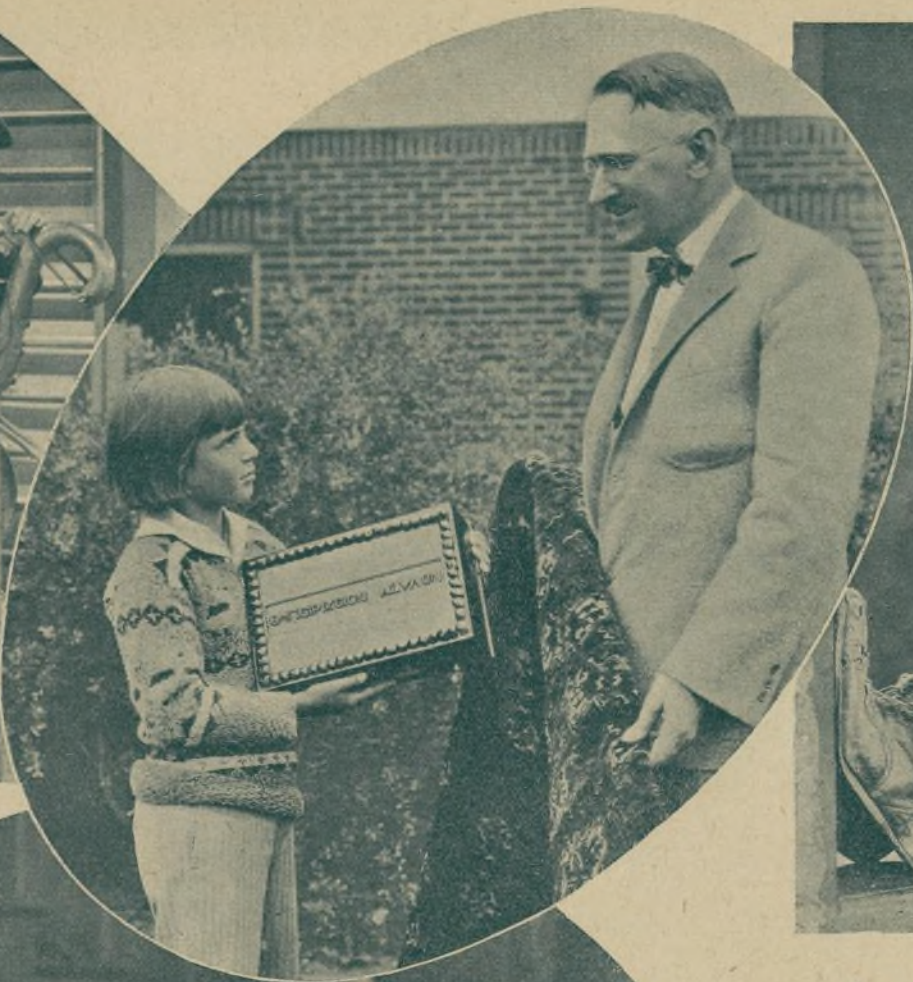
::: de serralheria :::

OFICINAS GERAIS

R. DO SOL (a Chelas), 38

Telefone N. 954

LISBOA



JACKIE COOGAN O GAROTO DO CHARLOT

O «pobre Miudinho», o travesso garotinho que fez as delícias do público de todos os países com as suas pirraças e facécias, na aparência inocentes, orna hoje a nossa revista, neste número de Natal e portanto das crianças.

Guardadas as devidas proporções, também o pequeno pupilo de Charlie Chaplin foi um *messias*, uma espécie de menino Deus do cinema, formado à imagem e semelhança daquele que é o Deus maior do écran; o desventurado Charlot.

Jackie nasceu em 26 de Outubro de 1914, em Los Angeles, California, e seus pais eram conhecidos artistas de «vaudeville». Foi com eles que Jackie deu os primeiros passos na arte de divertir o mundo.

Como fez Jackie a sua estreia?... Por obra do Acaso. Estava certa noite a mãe no camarim e o pai em scena no teatro Riverside, no Broadway, quando o travesso miudo, com vinte meses de idade, apenas, entrou pelo palco dentro dando cambalhotas em direcção ao autor dos seus dias. Isto não era da peça, mas o pai Coogan, sem se desmanchar, mandou ao seu rebento que bailasse determinada música que lhe ensinara nas horas vagas. O miudinho, sem mais hesitações, tratou de cumprir a ordem e dali em diante bailou todas as noites sob uma tempestade de aplausos. Mais tarde, quando tinha quatro anos, viu-o o grande Chaplin, que ideara um argumento (*The Kid*), para o qual precisava dum actorzinho daquela envergadura. Propoz aos pais o contrato e sob o império da sua arte portentosa, o pequeno Jackie assombrou o mundo com a sua criação. O pequenino «Kid» conquistara o posto de estrêla no firmamento da arte.

Imediatamente, com pouca simpatia mas muito proveito, os respeitáveis papás do menino o subtraíram à tutela artística de Charlot. Jackie perdeu muito. O que no «Kid» parecia obra genial passou a ser como que uma macaqueação mais ou menos perfeita do que lhe ensinavam, mas o balanço adquirido fôra de tal ordem que os filmes do «Miudinho» se tornaram disputadíssimos. Os seus triunfos citam-se em tão grande número como os seus filmes «David Copperfield», «Viva El-Rei!», «Garoto da Flandres», «O Pequeno Robinson», «O Trapeiro» e, por fim, o mais recente «Joãosinho, corta o cabelo!», que marca o final da infância, já um bocadinho prolongada, do pequeno artista. Grande era o temor de todos os críticos pelo futuro do pequeno astro. Seria, de «rapaz crescido», tão encantador como era com o boné esfarrapado em cima das melenas à pagem, e as calças a cair-lhe, pelas pernitais abaixo, sobre os monstruosos sapatos?...

Nesta última película vê-se, em ponto grande, a scena do corte do cabelo, que era um dos emblemas, das insígnias do «Garoto de Charlot» e o intérprete ideal do «Miudinho» ficou assim uma espécie de homem em miniatura. A notícia assolou o mundo pelo telégrafo com fios e sem fios, pelo cabo submarino, pelo correio, percorrendo o orbe desde Hollywood até às ilhas perdidas do Pacífico.

Jackie Coogan vai acabar os estudos e depois começará a sua nova carreira de galã apaixonado e apaixonador dos filmes.

O menino Jesus do cinema, depois de tosquiado perderia, com a guedelha, a auréola, divinizada?

